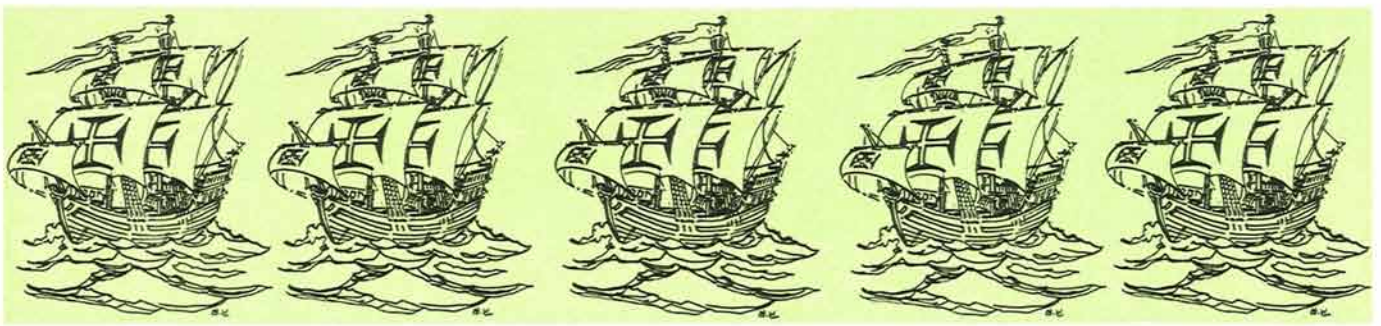
Revista da Armada

Nº 38/NOVEMBRO 1974/ANO IV

Sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. do Vale	**Efemérides Navais** Uma viagem de que ainda se fala	4
H. Bonjour	**Hino de Paz**	11
O. Lemos	**Bibliografia**	12
S. Elpídio/M. Horta	**Saibam Todos**	12
Redacção	**Guiné-Bissau** Um Novo País	13
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** A Escultura Tumular no Mosteiro de Alcobaça	14
Redacção	**O General Costa Gomes** É o 12.º Chefe de Estado da República Portuguesa	18
Redacção	**Voz da Abita**	20
M. Horta	**Notícias Pessoais**	21
Redacção	**Movimento** – Boletim Informativo do Movimento das Forças Armadas	22
M. Horta	**Filatelia**	23
S. Oliveira	**Desportos** O que é o «Método Cooper»	24
S. Elpídio	**Terminologia Naval**	27
S. Santos	**Episódios...**	28
S. Elpídio	**Reportagem**	29
Vários	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA
Publicação Oficial
da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração

Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 38/NOVEMBRO 1974/ANO IV

Preço de venda avulso	5$00
Assinaturas anuais:	
Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal)	50$00
Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal)	68$00
Ilhas (via aérea)	75$00
Ultramar (via aérea)	137$00

Na capa:

Regresso à Base!

(Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. de Fotogr. do EMA)

Execução gráfica:
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

Nota de Abertura

EU ESTIVE LÁ
5 de OUTUBRO de 1974

São quase 11 horas da manhã. Começa a afluir gente à Praça do Município. Quem? Não sei, não conheço ninguém à minha volta. É o povo anónimo, a multidão, portugueses sem distinção de classes, irmanados no mesmo ideal: o bem da Pátria.
Do sítio onde estou vejo ao longe, envolvidas na neblina da manhã as torres românicas da velha Sé, a lembrar a fundação da nacionalidade, envolta também na bruma do tempo. Do lado Sul o casarão esverdeado e sujo do Ministério da Marinha, respirando história... a Norte e a Poente, casas de habitação, escritórios e uma igreja com as pedras numeradas para mudar de lugar... a Nascente o edifício da Câmara Municipal com a sua grande varanda apinhada de gente. O Pelourinho a meio da Praça... formaturas da Marinha, do Exército e da Força Aérea, completam o quadro. O Sol tenta romper a densa neblina que cobre a cidade.

*

Soa um clarim, ouvem-se vozes de comando, rompe a Portuguesa. Chega o Presidente da República. A multidão canta em coro o Hino Nacional.
Da varanda pede-se silêncio. Fala o presidente da Comissão Administrativa do Município, fala um oficial do Exército exilado há muitos anos... tem 86 anos e ainda tem força para gritar bem alto: viva a República! Por último fala o Presidente da República. O Povo, que faz a História, dá palmas e vivas. Sinto um encontrão nas costas e volto-me. São duas peixeiras que passam e vão à sua vida. À cabeça levam canastras cheias de peixe cobertas com oleados. Uma é muito velhinha e andrajosa. Viva a República!... Viva Portugal!... É por ela, e por outras como ela que aqui estamos todos. Temos esperança. Queremos um Portugal melhor. Queremos um País como os outros... viva a República!

Com.

Efemérides Navais

Uma viagem de que ainda se fala

Périplo de África 26/10/924 a 11/6/925

Desde que estou na Marinha tenho ouvido histórias acerca desta viagem à volta de África. Porém, além do livro do jornalista dr. Norberto Lopes «Mais vale andar no mar alto... (Impressões do Périplo de África)» nada mais vi escrito sobre o assunto.

À amabilidade e espírito de colaboração do comandante Basto Carreira ficamos a dever a oportunidade de nos debruçarmos sobre o assunto. Alguém nos disse que o falecido comandante Andrade e Silva, que fez a viagem como guarda-marinha, tinha deixado dois volumes manuscritos, com muitas fotografias e desenhos, dessa monumental viagem. Contactado seu filho, ilustre camarada também, imediatamente nos facultou esses preciosos documentos que bem mereciam maior e melhor divulgação.

É pois com a ideia do comandante Carreira, com elementos tirados desses manuscritos e com duas crónicas de Norberto Lopes que coligimos estas despretenciosas notas.

*

Na tarde cinzenta de 25 de Outubro de 1924, largou do Tejo a Divisão Naval Colonial, constituída pelo cruzador «República» (segundo de nome), navio-chefe, pelas canhoneiras «Beira», «Ibo» e «Bengo» (todas do mesmo tipo) e pelo transporte «Gil Eanes» – respectivamente de 1250, 405 e 3712 toneladas. Todos os navios queimavam carvão. As velocidades eram respectivamente 15, 7 e 10 nós... No cruzador iam 151 homens, nas conhoneiras 56x3=168 e no «Gil Eanes» 105. Ao todo 424.

Comandava a Divisão o capitão-de-mar-e-guerra José Maria Barbosa Bacelar, era chefe do Estado-Maior o capitão-de-fragata João Carlos da Silva Nogueira e comandavam os navios, pela ordem mencionada, o capitão-de-fragata Henrique Quirino da Fonseca, os primeiros-tenentes José Filipe Castela, António Martins (que por doença regressou a Lisboa, sendo substituído pelo capitão-tenente José Vicente Caldeira do Casal Ribeiro, imediato do «República»), Germano Herculano Góis e o capitão-tenente António Afonso de Carvalho.

*

Como pode verificar-se pelo mapa e pelos quadros juntos, foram escalados 31 portos e baías, e percorridas 12 718 milhas.

Vejamos agora alguns extractos dos interessantes manuscritos do comandante Andrade e Silva.

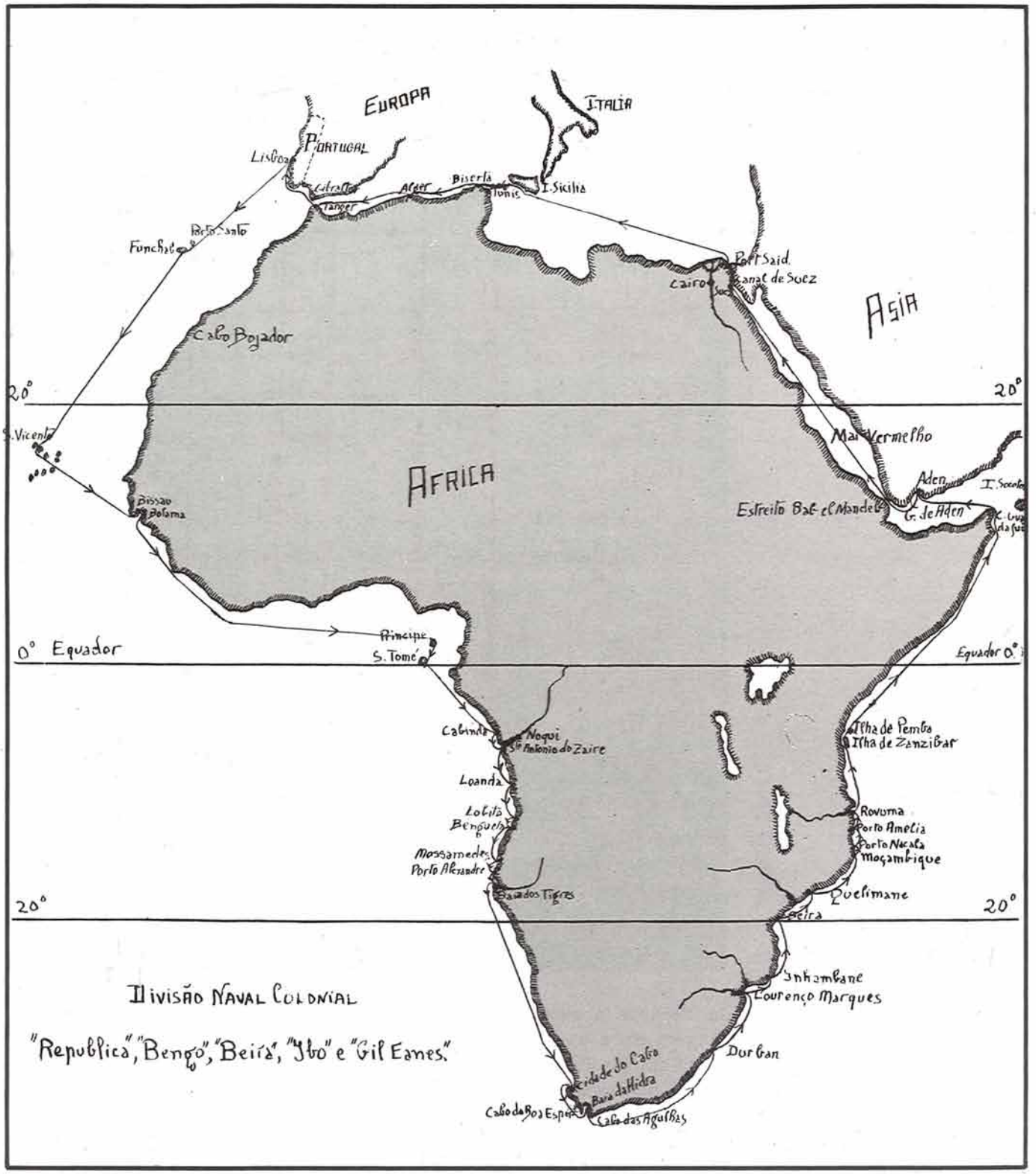
Em S. Vicente de Cabo Verde:

«E as mulatas de Cabo Verde? Chamaram-lhe as espanholas de África, bem feitas de corpo, cortesãs de nascença...»

Na Guiné, a propósito de amor entre os gentios, escrevia o jornalista Norberto Lopes (que fez a viagem no «Gil Eanes»), em crónica para o «Diário de Lisboa»:

«Conta-se de uma certa princesa bijagós da Ilha de Canhambac uma história de amor que ficou para exemplo do mais belo sacrifício romântico que uma mulher pode fazer a um homem.

«Havia entre os rapazes da ilha um que as mulheres desejavam com mais furor, pela ternura que os seus olhos respiravam e pela força amiga com que os seus braços apertavam. O prestígio da sua beleza chegou em breve aos ouvidos da rainha, por cujo leito tinham passado centenas de mancebos, a quem ela não pedia mais do que uma noite de amor. E o nosso adónis foi, como tantos outros, obrigado a fazer àquela soberana, insaciável e amorosa, o sacrifício da sua vigorosa mocidade.



«Mas em vez de uma noite foram dez, vinte, trinta. A rainha tornou-se imensamente amorosa dos seus abraços e dos seus beijos. Ora sucedeu que vivia com sua mãe uma princezinha de quinze anos, que se deixou também prender pelo encanto masculino do régio favorito. E uma noite, quando a Lua derramava sobre a tabanca uma luz pálida e melancólica, a rainha surpreendeu o marido eleito nos braços de sua filha. O ciúme, que entre os homens é um sentimento apagado, transforma a mulher bijagós numa verdadeira fera, capaz de cometer as maiores barbaridades. E no próprio chão onde foi surpreendido em flagrante delito de adultério, a rainha abriu ao bem-amado a sepultura. Na noite seguinte, sobre a terra ainda fresca onde o amante fora surpreendido, a princezinha negra despedia-se do mundo e ia encontrar-se com ele na outra vida...»

*

Sobre São Tomé e Príncipe, transcreve do livro «Mais vale andar no mar alto...»:
«Não conhecem, por certo, a rosa louca – «ibiscus

Portos visitados e respectivas distâncias

Portos	Navio	Data da chegada	Hora	Data da partida	Hora	Distancia
Lisboa-S. José de Ribamar		——	—	25-Outubro-924	15 10	
Funchal	Gil Eanes	28-Outubro-924	11 48	6-Novembro-"	14 00	520 milhas
S. Vicente de Cabo Verde	Ybo	12-Novembro-"	16 30	16- " - "	08 25	1040 "
Ponta Arlet-R. Geba-Guiné	Gil Eanes	20- " - "	19 45	21- " - "	06 15	630 "
Bissau	"	21- " - "	12 50	22- " - "	05 00	34 "
Bolama	"	22- " - "	10 00	30- " - "	13 00	38 "
S.to Antonio do Principe	"	9-Dezembro-"	17 50	14-Dezembro-"	01 05	1658 "
S. Tomé	"	14- " - "	16 30	16- " - "	22 30	110 "
Cabinda	"			20- " - "	06 00	485 "
S.to Antonio do Zaire	"	30- " - "	15 30	21- " - "	07 25	41 "
Pedra do Feitiço-R. Zaire	Ybo	21- " - "	16 30	22- " - "	05 30	38 "
Noqui	"	32- " - "	15 10	23- " - "	06 15	30 "
S.to Antonio do Zaire	"	23- " - "	13 30	23- " - "	19 50	68 "
Loanda	Gil Eanes	25- " - "	09 35	4-Janeiro-925	11 00	189 "
Lobito	Ybo	5-Janeiro-925	16 40	12- " - "	06 55	236 "
Benguela	"	12- " - "	10 05	13- " - "	16 20	23 "
Mossamedes	"	14- " - "	21 00	18- " - "	08 35	185 "
Porto Alexandre	"	18- " - "	14 40	19- " - "	06 10	46 "
Povoação dos Pescadores: B.T.	"	19- " - "	14 20	20- " - "	06 10	55 "
Saco da Zaire-B. dos Tigres	"	30- " - "	08 10	26- " - "	14 30	"

mirabilis». É uma flor perfumada, de uma rara beleza e da mais aristocrática linhagem entre as famílias nobres que habitam os jardins tropicais. É uma flor mais sentimental e romântica do que todas as flores. Nenhuma como ela merece ser cantada pelos poetas, porque nunca uma flor entre as flores foi mais delicada e sensível aos beijos ardentes do sol.

«Nasce branca, da alvura do linho, da cor da neve. E à medida que o sol a vai beijando, toda ela se ruboriza, como uma noiva linda em dia de noivado. Quando o disco luminoso, passa no zénite, a rosa louca fica vermelha como uma papoila, toda aberta numa chaga viva de amor que a vai matando lentamente. E à noite, quando a luz desmaia, caem as pétalas e a rosa morre.

«Pobre rosa louca! A sua vida decorre entre dois beijos – como a vida de quase todas as mulheres que se entregam por amor.»

Na Cidade do Cabo, acerca de uma festa no Palácio do Governo:

«(...) «No hay buques pequeños quando sus marinos son los portugueses...», assim me falava o cônsul da Argentina, que conhecera por intermédio da filha, uma das mais interessantes raparigas que se encontravam no baile...

«De facto as nossas canhoneiras são pequenas, até lhes chamam «pocket cruisers» – mas não existem navios pequenos para os marinheiros de Portugal! Neste século dos couraçados como o «Hood», que desloca 41 000 toneladas, navegar em barcos de 400, metade da tonelagem que tinha a caravela em que Vasco da Gama foi à Índia, é na verdade ser conservador... e ser temerário.

«São pequenos, dizia eu a um inglês, mas foi também com navios pequenos que nós descobrimos o Cabo da Boa Esperança, para vocês agora gozarem...»

Portos visitados e respectivas distâncias *(Continuação)*

Portos	Navio	Data da chegada	Hora	Data da partida	Hora	Distancia
Povoação dos Pescadores-B. Tigres	Ibo	26-Janeiro-935	16 30	27-Janeiro-935	08 45	milhas
Cape Town	-"-	4-Fevereiro-935	17 25	12-Fevereiro-"-	09 30	1137-"-
Hidra Bay	-"-	13-"-"-"-	15 15	14-"-"-"-	08 10	78-"-
Durban	-"-	19-"-"-"-	17 35	22-"-"-"-	07 10	720-"-
Inhaca	-"-	24-"-"-"-	20 20	25-"-"-"-	06 05	270-"-
Lourenço Marques	-"-	25-"-"-"-	11 30	11-Março-"-	15 15	22-"-
Inhambane	-"-	13-Março-"-	19 15	18-"-"-"-	09 00	360-"-
Beira	-"-	20-"-"-"-	11 20	26-"-"-"-	16 10	258-"-
Moçambique	-"-	29-"-"-"-	14 30	3-Abril-"-	05 40	517-"-
Porto Nakala	-"-	3-Abril-"-	16 30	"-"-"-"-	23 30	60-"-
Porto Amelia	-"-	4-"-"-"-	16 20	5-"-"-"-	22 25	110-"-
Rovuma-Kionga	-"-	7-"-"-"-	13 40	7-"-"-"-	16 25	152-"-
Zanzibar	-"-	9-"-"-"-	12 50	15-"-"-"-	06 10	278-"-
Aden	-"-	24-"-"-"-	14 35	26-"-"-"-	16 20	1717-"-
Suez	-"-	5-Maio-"-	09 30	5-Maio-"-	14 00	1305-"-
Ismailia	-"-	5-"-"-"-	19 50	"-"-"-"-	19 55	88-"-
Port Said	-"-	6-"-"-"-	01 40	14-"-"-"-	22 35	
Bizerta	-"-	23-"-"-"-	07 45	26-"-"-"-	06 25	-"-
Alger	-"-	28-"-"-"-	15 50	3-Junho-"-	16 15	330-"-
Tanger	Republica	7-Junho-"-	09 00	9-"-"-"-	06 50	-"-
Cascaes	-"-	11-"-"-"-	02 50	11-"-"-"-	10 35	-"-
Lisboa	Ibo	11-"-"-"-	15 05	———	———	-"-

Navegando da Cidade do Cabo para Durban:
«No dia 13, ao meio-dia, observou-se a meridiana e fez-se o ponto. Pouco tínhamos avançado, e quando levávamos a Ponta Danger pelo través, o chefe resolveu arribar, e fomos fundear na Hidra Bay, ao abrigo do vento sueste que soprava rijo, fazendo o mar cavado e inundando-nos o navio, por onde a água corria em ondas enormes da proa até à popa. «Ninguém desembarcou, olhando pelo binóculo a povoação distante onde certamente ingleses de cachimbo ririam da pequenês dos nossos navios...»

*

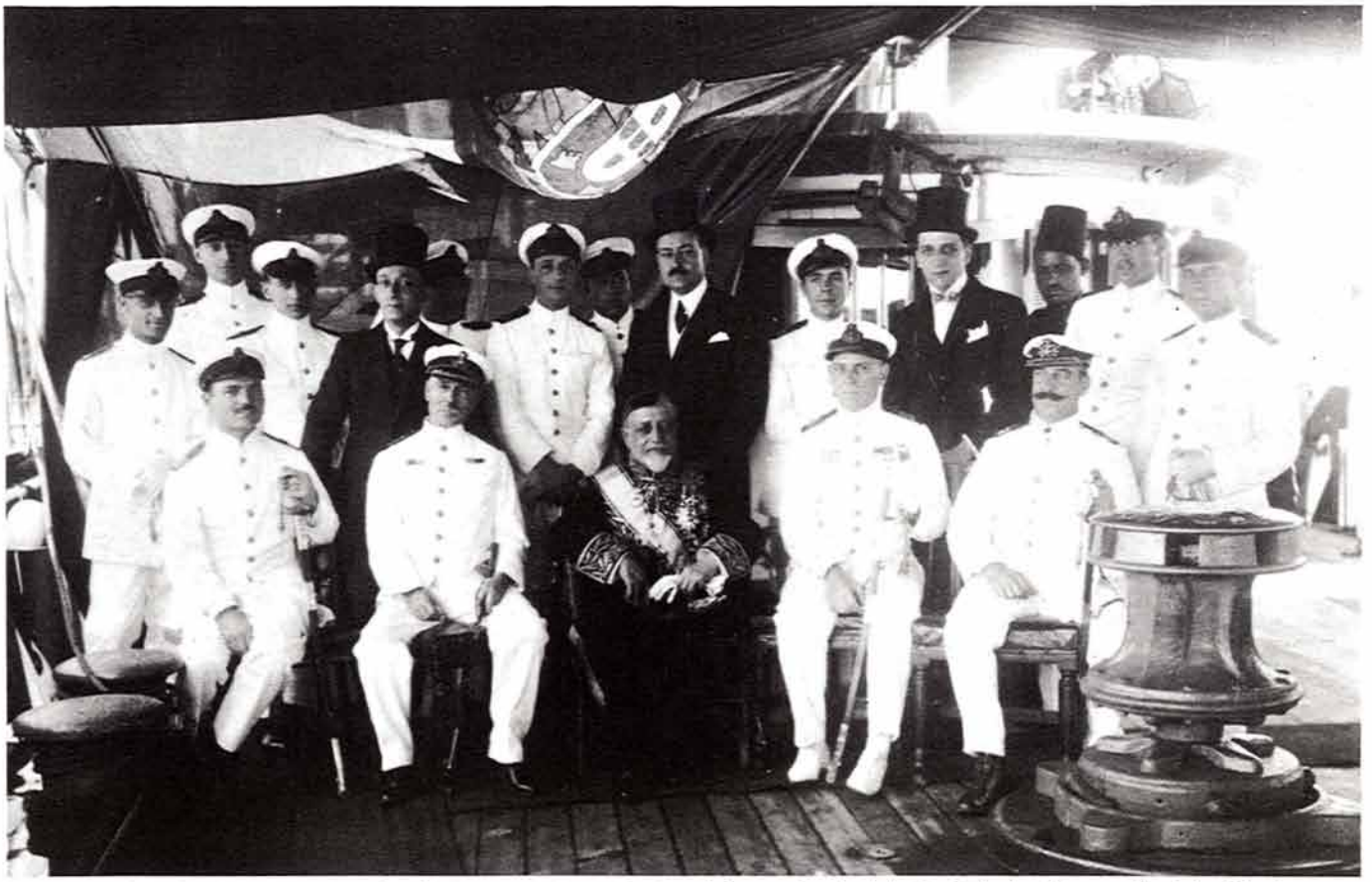
Em Durban:
«A primeira coisa a impressionar-me quando, depois do jantar, desembarquei em Durban, foi a original vestimenta dos condutores de «rickshow», uns ligeiros carrinhos de rodas altas, de borracha, puxados por negros entre varais, com «bonets» de penas, e dois formidáveis cornos postiços, a tornálos mais semelhantes com os bois... São muitos, alguns com as pernas caiadas de branco, e oferecem os seus carros dando pulos e relinchando, a mostrarem-se esplêndidos para puxar à carroça... «(...) Num jardim, ao ar livre, um grupo de raparigas e rapazes, acompanhados a órgão, cantavam em coro canções em louvor da moral... E eu transportei aquele quadro para um jardim de Lisboa... Toda a gente se riria, formava-se em volta um grupo de milhares de pessoas, viria a cavalaria da Guarda Republicana, zagarata e «peixe espada», um inferno...»

*

Ainda Durban:
«Contaram-me que o Comodoro, na Cidade do Cabo,

Bois para abater a bordo do «Gil Eanes». Naquele tempo ainda não havia câmaras frigoríficas...

A Divisão Naval vista do «Gil Eanes». De notar que as três canhoneiras levam as velas içadas.



Fotografia tirada a bordo do «República» em Port Said. Sentados, da esquerda para a direita: 1.º-ten. G. H. Góis, cap.-m.-g. B. Bacelar, dr. Álvaro da Costa Machado Vilela (juiz dos Tribunais Mistos do Egipto, de 1921 a 1936), cap.--frag. Quirino da Fonseca, cap.-ten. Casal Ribeiro. De pé: g.-m. Tomaz Augusto Centeno, g.-m. José Maria Pinto da Costa, 1.º-ten. Paulo Luizelo Teixeira Viana, não identificado, g.-m. Manuel Lourenço das Neves Pires de Matos, 2.º-ten. César Gomes Barbosa, asp. Joaquim Frederico do Passo Maldonado, não identificado, 1.º-ten. José Saraiva Teixeira, não identificado, idem, g.-m. Carlos Augusto Ferreira Pinto Basto Carreira, 2.º-ten. AN José Manuel Figueiredo.

num passeio que as autoridades ofereceram pela Table Mountain, com lanche junto ao monumento de Cecil Rhodes, se viu em sérios embaraços no seu discurso em inglês, brindando depois pelos reis de Inglaterra, que são cordialmente odiados pelos governantes da jovem República Sul Africana (...)»

*

Em Lourenço Marques:

«A partida estava marcada para esta manhã às seis, mas como o homem põe e Deus dispõe, uma avaria na máquina do «República» fez atrasar a largada cerca de nove horas. Felizmente que tal sucedeu, quando não faltaria ao embarque um guarda-marinha...

«O V., seguindo o velho rifão «quem vai para o mar avia-se em terra», passou a noite na companhia de qualquer dama de reputação duvidosa, e levou consigo um velho relógio despertador, sagrada relíquia dos seus antepassados. Deu-lhe corda, marcou o alarme para as cinco da manhã, e... o resto que se passou é lá com ele!

«O azar foi o despertador ter declarado greve geral. Quando o sol entrou radiante pelo quarto dentro, deixou-lhe o «cadáver» mais triste que uma noite de invernia.

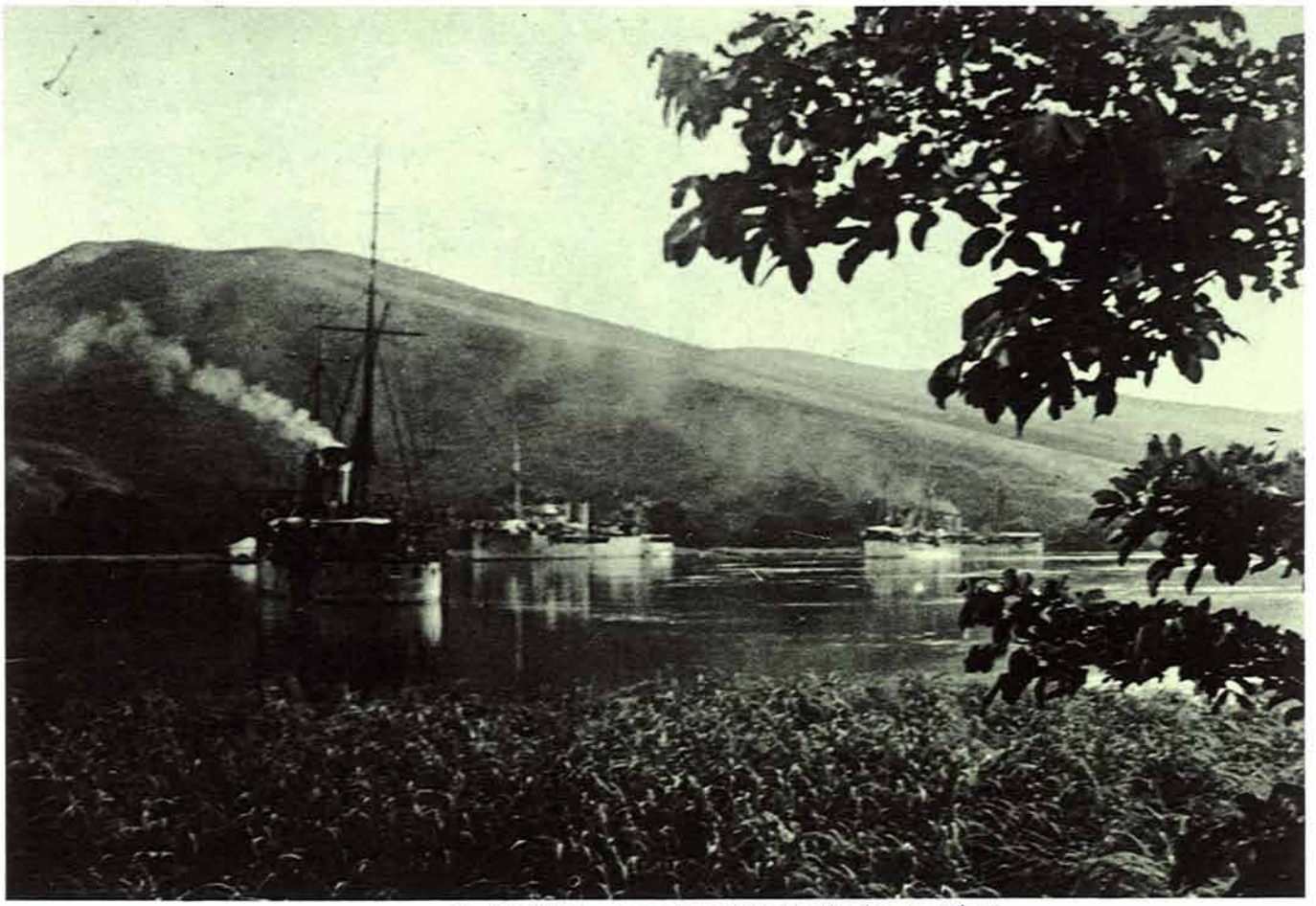
«Em três tempos chegou ao cais, onde o navio, impávido e sereno, continuava amarrado, alheio à grande tragédia que o ia atingindo.

«Escapara pela malha, não lhe tinham notado a falta. E desde aquele dia, o velho relógio, relíquia de antepassados, ficou «sem alarme», a presenciar as noites de amor daquela mulher de reputação duvidosa...»

*

Da Beira a Moçambique:

«(...) O Comandante continua a «esmolar» todas as caixinhas que vê. Lata de cigarros prestes a esvaziar-se, caixa de sabão de barba sem ocupação, latinhas de variadas proveniências, tudo o Comandante pede e aferrolha no camarote. E ocorreu perguntar-lhe para que destina tanta lataria, informando amavelmente: «É que eu tenho em Castelo



O «República» e as canhoneiras fundeadas em Nóqui.

de Vide uns campozinhos de cultura, e encontro-me muitas vezes em sérios embaraços para guardar as sementes. Assim, já tenho lugar para pôr as pevides e os nabos...»

*

Um soneto feito a navegar, na costa de Angola, em que se canta a monotonia da vida a bordo:

É sempre a mesma coisa o mesmo fado
O mestre, o contramestre, a ronda e disse.
Porque razão seria eu condenado
A aturar pra sempre esta chatice?

Mais um dia de tédio está passado,
Sem que nada de novo descobrisse.
E é sempre a mesma coisa, o mesmo fado...
O mestre, o contramestre, a ronda e disse.

E para me livrar desta maçada
Vou passar a rezar duma assentada
Orações em latim, Avé Marias:

Não me deixeis cair em tentações
Mas livrai-me, Senhor, das divisões,
Que me matam de 5 em 5 dias...

*

Navegando, quase a chegar a Lisboa:
«(...) Apenas saímos há sete meses e anda tudo doido a contemplar a costa de Portugal, a fazer projectos, a pensar no Martinho e no Chave de Ouro...
«E berram a todo o momento: «Quem me dera em Lisboa!...»
«Mas, que terão que fazer lá, para quê tanto sobressalto? São as noivas, é o amor da família, são os filhos, que os chamam?
«Está bem, desculpo-os. Por mim, não tenho saudades! A vida em terra não me seduz, a Casa da Balança repugna-me, e o Mar da Palha não me diverte...
«Gosto de navegar, de sentir à minha volta a imensidade do oceano. Gosto de respirar o ar saudável do mar, de viver o ambiente da grande família de marinheiros! Depois, novos portos, novos costumes, o desconhecido... Lisboa! Querem Lisboa! Por mim, preferia um novo périplo!»

*

A chegada...:
«(...) Alguns hidros andaram em evoluções sobre

os navios, num esvoaçar alegre de marinheiros saudando outros marinheiros.

«As guarnições vão impecáveis nos seus uniformes de calça branca e blusa azul, prontas para a última faina. Em terra, quinhentas famílias esperam os abraços dos que regressam, cheios de novas emoções para contar...

«Dá cá Lisboa, dá cá Lisboa...»

M. do Vale
Com.

Notas do autor:

1 – Chama-se a atenção, em primeiro lugar, para os navios que constituiam a Divisão: um cruzador (só a nossa penúria naval da época permitia classificar de cruzador um navio como o «República»), que podia dar 15 nós; um navio transporte, abastecedor de carvão e mantimentos, que andava a 10, e três canhoneiras que navegavam a 7...

Era realmente uma estranha Divisão! Não sei mesmo se terá havido outra igual!

2 – Muito interessantes os comentários do comandante Andrade e Silva à frase do cônsul da Argentina na Cidade do Cabo. Como ele próprio diz nos seus manuscritos, da nossa grandeza passada ficou pelo menos uma coisa: o orgulho de sermos portugueses.

3 – O comandante Andrade e Silva era bom marinheiro e suportava bem os temporais. Não se preocupou muito em descrevê-los, mas nós calculamos perfeitamente o que devem ter sofrido os marinheiros das canhoneiras...

4 – O desembarque em Durban tem o sabor da epoca áurea (triste época!) do colonialismo... O que era a África daqueles tempos e o que é hoje!

5 – O discurso do Comodoro (naquele tempo não havia o posto de comodoro; tinha essa designação o capitão-de-mar-e-guerra que comandava uma força naval)... Tem acontecido muitas no género. Até houve um oficial que combinou um desafio de futebol com uns ingleses, sem dar por isso!

6 – Aquela do comandante que fazia colecção de latas e caixas para guardar as sementes... Mostra bem a tendência atávica de todos os marinheiros para a agricultura.

7 – O soneto a navegar... Alvorada, serviços, quartos, almoço, jantar, um navio que passa... Só nós os do mar, conhecemos quanto custa a passar o tempo...

8 – O jornalista dr. Norberto Lopes, felizmente ainda vivo, era um romântico... O seu conto de amor da rainha da Ilha de Canhambac e a descrição da «rosa louca» dão bem o índice do seu sentimentalismo e da sua fibra de escritor. Fez a viagem, como enviado do «Diário de Lisboa», a bordo do «Gil Eanes» e escreveu no final um livro de crónicas, «Mais vale andar no mar alto...».

9 – A excitação da chegada a Lisboa... Todos a conhecemos tão bem! «Dá cá Lisboa», é uma frase tão antiga como a própria Marinha. Todos a temos dito quando andamos muito tempo lá por fora!

HINO DE PAZ

Sacode o terror existente
na forca dos sonhos.
Esquece que o mundo te envolve
em tramas medonhos.

Das feras nocturnas,
não oiças os gritos
lascivos, malditos!
Atende o lamento
da flor desfolhada,
perdida no vento.
Não queiras a sombra
negra dos punhais.
Nem os vendavais!
Nem hinos de guerra!
Nem o cheiro a sangue
que nos vem da guerra.

Vem... vamos cantar!
E, na noite negra,
sonhar... sonhar!...

Helena L. M. Coentro Bonjour
Funcionária da D. S. E. C.

Bibliografia

REVOLUÇÃO OU REFORMA?
(Ensaio) por Marcuse e Popper
No âmbito da Colecção Mundo Imediato podem os estudiosos de assuntos sociais e políticos contar com mais um valioso ensaio destes dois notáveis pensadores.

DESTRUIÇÃO: DOIS PONTOS
(Poesia) por Egito Gonçalves
Um livro de conteúdo denso e abordagem não difícil mas exigente. Tudo aqui é friamente calculado e sente-se que o alor do pensamento é sofreado a cada passo (quase vida interrompida) que de tanto recusar os caminhos da espontaneidade cria a sensação de suplício. Poesia inteligente sem dúvida mas árida. Na realidade, «Destruição»... parece buscar isso mesmo.

OS AMANTES E OUTROS CONTOS
(Novelística) por David Mourão-Ferreira
A editora Bertrand distribuiu a 2.ª edição desta obra de Mourão-Ferreira que, para além do interesse que já tinha, conta agora com o incentivo de três contos inéditos e um prefácio de Prado Coelho. É uma obra notável de imaginação e variedade, fruto de uma fecunda capacidade literária.

VAGÔ
(Ficção) por Henrique Galvão
Pretende este romance (escrito na prisão) completar a série «Romance dos Bichos do Mato». A 1.ª edição foi destruída pela P.I.D.E. porque as alusões humanas eram suficientemente nítidas para incomodar politicamente. Como em «Romance dos Bichos do Mato», «Vagô» é de uma tocante e extraordinária beleza. Pena é que, graficamente, a edição não corresponda ao conteúdo da obra.

A ÁRVORE DOS SEXOS
(Humorismo) por Santos Fernando
Em edição da Europa-América apareceu esta obra de Santos Fernando. Nela se afirma o autor como um humorista no mais elevado conceito do termo. Não há condescendência com o riso fácil onde tantos mediocremente resvalam.
O homem, na sua mesquinhez e na miséria dos seus defeitos, encontra aqui um artístico retrato. O riso, por vezes, é difícil e custoso...

OS POEMAS DO ITINERÁRIO ANGOLANO
(Poesia) por Rui Cinatti
A editora Capricórnio distribuiu esta colectânea de poesia de Rui Cinatti onde se encontram, a par de poemas sem grande interesse, uns quantos de inegável valor.

O. Lemos
Cap.-frag.

Saibam Todos

Que a fotografia que ilustra a reportagem da posse do governador de Cabo Verde, publicada no n.º 37 da nossa Revista, e a que ilustra a da posse do novo Chefe de Estado, inserida neste número, foram gentilmente cedidas pelos serviços de fotografia do «Diário de Notícias». Agradecemos.

Que uma empresa portuguesa vai construir navios «Paramaran» – barco de alumínio que poderá ser feito em qualquer tamanho (embora tenha sido concebido para ter 36 metros de comprimento) e que pode desenvolver uma velocidade óptima de 50 nós. A primeira unidade a construir terá possibilidade de levar 200 automóveis e efectuar a viagem de Lisboa ao Algarve em 3 horas e de Lisboa à Madeira em 8 horas, com uma comodidade que nenhum barco até agora pode oferecer.

Que a frota mundial de paquetes compreende actualmente 150 navios com uma capacidade total para 90 000 passageiros. Os cruzeiros são muito menos populares entre o público europeu que na Inglaterra ou nos E. U. A. Na

Alemanha Federal de um total de 25 milhões de adultos que vão para férias só um número diminuto escolhe os cruzeiros. Para combater esta carência, igualmente muito sensível na França e na Bélgica, os promotores de cruzeiros estudam novos métodos para tornar mais conhecidas as possibilidades dos cruzeiros.

Que foi lançado no mercado um novo tipo de pintura de revestimento, a ser empregada sobre pintura anticorrosiva em navios, que poderia fazer que a entrada destes em doca seca se verifique apenas em intervalos de 24 meses. O novo produto baseia-se numa resina acrílica conhecida com o nome de Hidron.

Que o «Tokyo-Maru», de 157 293 t dw, construído em 1966, e que tinha sido no seu tempo o maior navio do mundo é considerado hoje um pequeno petroleiro e utilizado para completar no Golfo Pérsico o carregamento dos petroleiros gigantes empregues pela Tokyo Tanker C.

(In «Boletim da J. N. M. M.» – Jul 74)

GUINÉ (Bissau) *UM NOVO PAÍS*

(Foto do cap.-ten. AN Prudêncio Fernandes)

Não é todos os dias que nascem estados soberanos. A Província da Guiné acaba de ascender, por força da determinação dos seus homens em armas, ao areópago das nações independentes.

De futuro a sua voz far-se-á ouvir na ONU das bancadas reservadas às nacões soberanas e não dos bastidores e pela complacência das nações simpatizantes.

Aqueles que se levantaram na Guiné, de armas na mão, contra Portugal, alcançaram os seus objectivos. Não cabem agora lamentações de imperialismos frustrados. É profundamente humano que os homens mais esclarecidos dessa nova nação desejassem ser livres. Durante longos anos se glosou o eufemismo de que eram livres no seio magnânimo da «mãe-pátria»; a realidade porém senti-la-ia a carne e esta não se compadece com fórmulas jurídicas ou declarações demagógicas. É necessário que cada branco pense o que desejaria ser se fosse preto e tivesse atrás de si toda uma ancestralidade de vicissitudes que o fizeram sofrer iniquidades que foram desde a espoliação até à escravatura para compreender a presente situação e não a chorar. E se houvesse lugar para um profundo lamento, como o querem fazer crer alguns, esse seria a mágoa imensa de se não ter sabido fazer render quatrocentos anos de História de forma a assimilar aqueles que se pretende fazer acreditar que são irmãos e não se ter sido capaz de aproveitar o sacrifício brutal de uma juventude inteira em armas para encontrar, com alguns trunfos na mão, uma solução em tempo mais oportuno e que possibilitasse a edificação de uma fraternidade mais válida e consentida.

Ficou no entanto muito de Portugal na Guiné. Ficou o que é mais precioso que tudo – muito do seu sangue, numa esperança vã de construir um futuro já então impossível. Os heróis agigantam-se nas guerras de antemão perdidas! «Honeur au courage malheureux!»

Ficou também o coração dos portugueses anónimos e humildes a quem se ensinou que a Guiné era Portugal e como tal a desejariam conservar.

Na hora da independência saudamos os mortos, brancos e pretos que ela dramaticamente custou.

No curso dos séculos, Portugal teve constantes problemas com a Guiné. A índole indomável de algumas das suas

etnias fez correr o sangue português ao longo da História. Não correrá mais! Que o enebriamento da vitória faça esquecer os ódios e que na construção da Guiné do futuro haja lugar para todos. Que as portas fechadas cá e lá durante longos doze anos se abram agora para deixar passar uma corrente de boa vontade e entendimento fecundos. Estamos certos que no coração da maioria dos que sofreram não mora o ódio nem a sede de vingança.

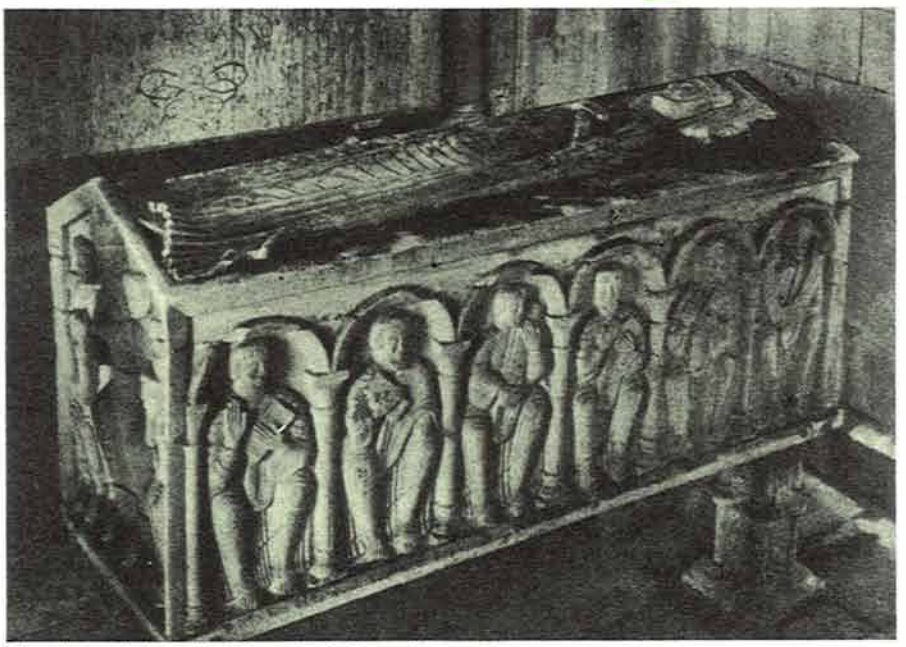
O cansaço da guerra reclama a paz e a harmonia. Há uma tarefa gigantesca que se põe à capacidade realizadora daqueles que agora tomaram em suas mãos o destino da Guiné. Certamente que não irão desprezar as mais desinteressadas ajudas já que os auxílios que trazem encapotados certos neo-colonialismos não deixarão de se insinuar.

Que a Guiné possa vir a ser no futuro uma bela Nação! E livre realmente!

Ciências Artes e Letras

A Escultura Tumular no Mosteiro de Alcobaça

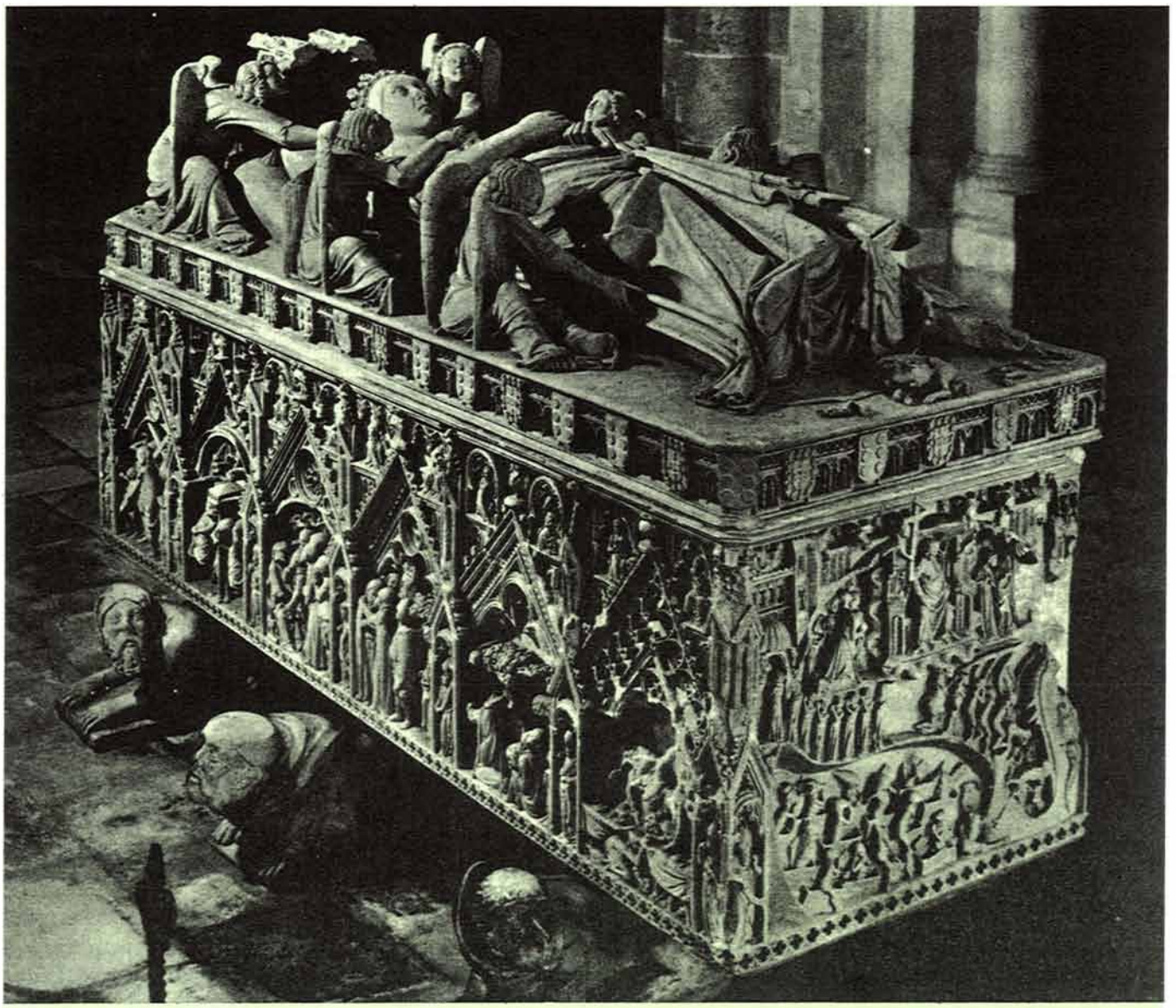
Quem visite essa obra maravilhosa da arquitectura gótica cisterciense que é a igreja do Mosteiro de Alcobaça ficará subjugado pela majestade e imponência das naves altíssimas e pela amplidão e artesonado das abóbadas das salas que constituem as dependências do Mosteiro e arrisca-se (involuntariamente, decerto) a deixar passar despercebidas, ou menos atentamente consideradas, algumas jóias de incalculável valor artístico e histórico que são os túmulos que guarda. Perdidos na imensidão dos espaços ou adossados aos muros vetustos ou humildemente colocados nos ângulos mais discretos, deparam-se-nos as arcas silenciosas que foram a última morada de dignitários da Igreja, reis e gente de algo. Artistas anónimos, na sua maior parte, dedicaram-se a esculpir ao longo dos séculos XII, XIII e XIV, em inspiração vária que se escalona desde a simplicidade ingénua e túrgida do românico à finura e requinte dos lavores do gótico, os túmulos que povoam as nossas igrejas e catedrais antigas. O costume de enterrar nas igrejas



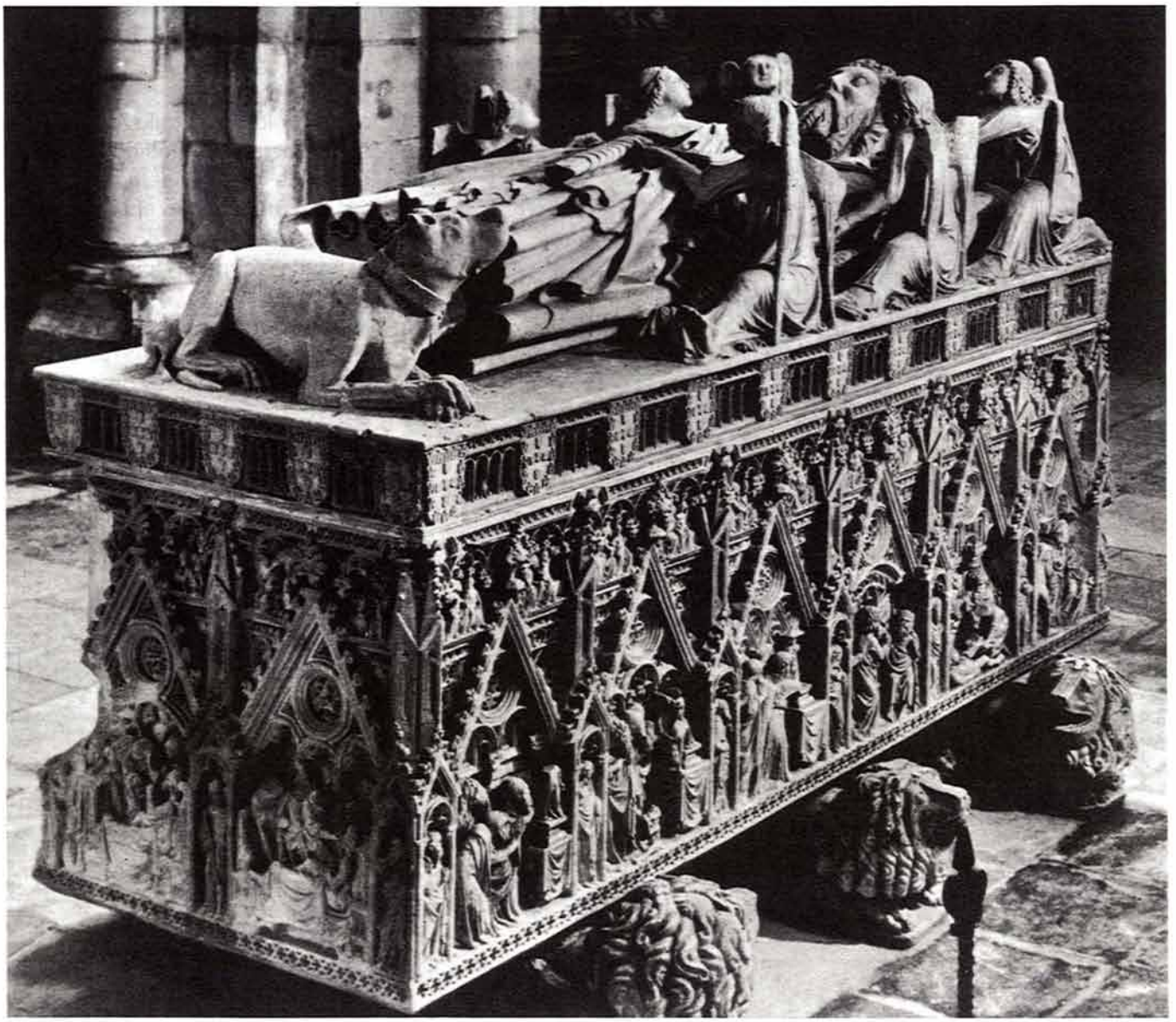
Túmulo românico de D. Beatriz de Gusmão.

Túmulo do século XIII.

só se iniciou no século XIII pelo que são raros os túmulos do século XII erguidos no interior dos templos. Os sarcófagos existentes fora das igrejas não têm por via de regra estátuas jacentes. Nos séculos XIII e XIV os túmulos significativos têm todos a estátua jacente do morto e abrigam-se sob as naves ou abóbadas. É no Mosteiro de Alcobaça que se encontram os túmulos românicos mais preciosos do ponto de vista artístico. O estilo evidencia já, em alguns deles, uma transição para o gótico mais acentuada nuns casos que noutros. Reproduzimos



Túmulo de D. Inês de Castro.



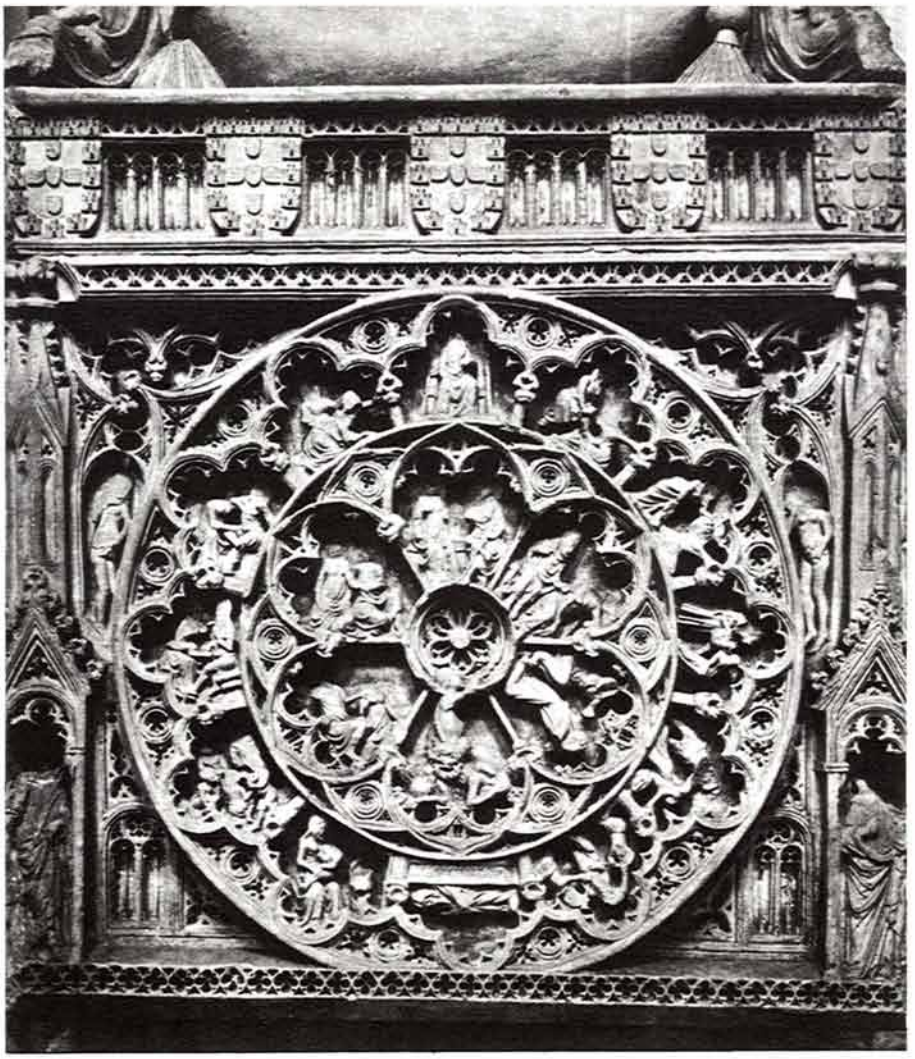
Túmulo de D. Pedro I.

aqui dois desses túmulos. O mais notável é, sem dúvida, o de D. Beatriz de Gusmão. É um exemplar de escultura funerária ainda do século XII, com decoração tipicamente românica na série de arcos e colunas que enquadram as figuras esculpidas nas paredes laterais. É notável a circunstância de dispor de figura jacente, trabalhada com certo primor, patente no pregueado das vestes e no canelado da túnica que se dispõe como se a figura estivesse de pé (característica do românico). O outro é um exemplar do século XIII, sem estátua jacente e com a cobertura lavrada como se fora uma colcha. Mais goticista pelo estilo, emprega na decoração das paredes laterais e nos topos figuras geométricas e temas vegetais que conjuga com arabescos árabes, resultando daí uma curiosa feição moçárabe do estilo, vulgar em Espanha.

As arcas tumulares desta época assentam normalmente em dois pequenos pilares cruciformes, com colunas adossadas e capitéis lavrados, cuja decoração se enquadra no estilo.

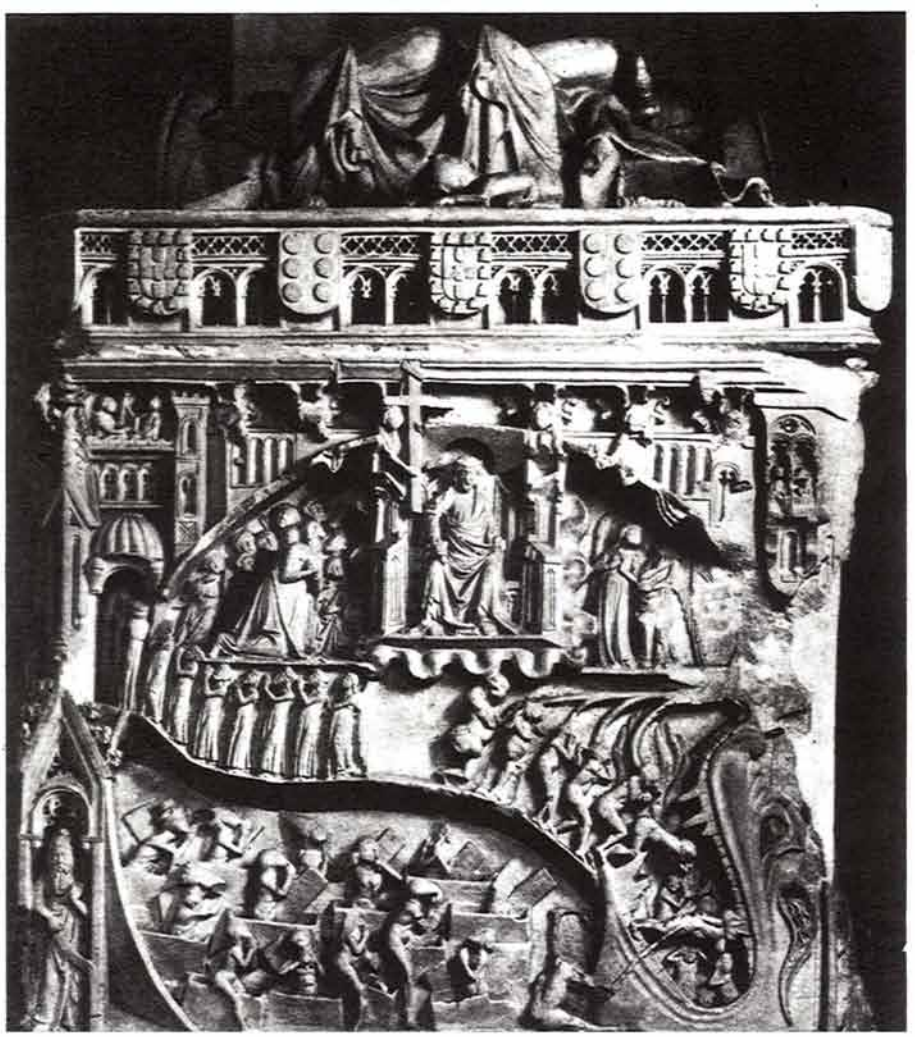
O período áureo da escultura tumular é o século XIV; inicia-se com o ciclo artístico e cultural a que o rei trovador deu notável impulso. Esse ciclo, em pleno gótico, vem a fechar-se magistralmente com chave de ouro sob as abóbadas de Alcobaça, cristalizando, cerca de 1360, nesses dois monumentos singulares da arte funerária que são os túmulos de D. Pedro e D. Inês. O sacrilégio artístico que as hordas francesas perpetraram contra os túmulos, violados durante a invasão, vem acentuar de uma maneira quase angustiante a fragilidade das obras de arte à mercê da brutalidade dos homens. Essa ferida, que os túmulos ostentam, confere-lhes não sei que espécie de ligação poética com os corpos dos dois atribulados amantes – feridos eles também, mas de amor.

Uma imaginação capaz de fazer crescer os túmulos, arrancando-os para a amplidão dos espaços monumentais vê-los-ia, extasiadamente, transfigurados em magníficas catedrais flamejantes de arcos, rosáseas, gabletes, nichos e



Rosácea da cabeceira do túmulo de D. Pedro.

Juízo final. Topo do túmulo de D. Inês de Castro.



imagens numa exuberância decorativa tão espantosa como o indecifrável mistério da sua criação. Na verdade não se conhece o autor destas obras-primas sem paralelo na escultura tumular europeia. A finura do cinzelado, a perfeição e o equilíbrio formais da composição, uma certa evocação mudéjar evidente na exuberância dos recortes e ornatos lembrando o arabesco, sugerem uma nova arte, um certo ecletismo artístico que só um escultor da Península seria capaz de assimilar.

As figuras e os temas são da iconografia e tradição cristãs mas a decoração exaustiva, sem espaços vazios, e o recurso a arcos em ferradura e polilobados são de inspiração islâmica.

O topo do túmulo de D. Inês de Castro figura o juízo final e é de concepção e desenho de raiz tipicamente francesa. A cabeceira do túmulo de D. Pedro é surpreendente pela beleza da rosácea que a decora. As figuras, primorosamente esculpidas em duas faixas concêntricas, sugerem uma roda da fortuna, figurando os trâmites e vicissitudes da vida até à morte. Dificilmente se encontrará obra que se lhe compare quer pela beleza decorativa quer pela finura e preciosidade do lavor.

Sobre os túmulos repousam serenamente as figuras jacentes dos dois infortunados amorosos que um cortejo solícito de anjos procura acompanhar ao céu numa ajuda necessária e urgente.

Lado a lado, a presença das duas figuras é, por si só, de um poder evocativo tremendo, a que só não são sensíveis os duros de coração. Perdidos na imensidão do templo, os dois túmulos, bem perto um do outro, sugerem a procura e até a criação de um pouco de calor humano que se contraponha à hostilidade agressiva da solidão e algidez dos espaços confinados pela húmida frialdade dos muros e abóbadas.

O. Lemos
Cap.-frag.

O Genera

É o 12.º Chefe de Estado

Por renúncia do general António de Spínola, foi eleito pela Junta de Salvação Nacional para exercer o cargo de primeiro magistrado da Nação o General Costa Gomes, que desempenhava as altas funções de chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

A posse do novo Presidente da República efectuou-se imediatamente ao acto da escolha, no dia 30 de Setembro, da mencionada Junta de Salvação Nacional.

al COSTA GOMES
da República Portuguesa

O general Costa Gomes dirigiu a seguir uma mensagem ao País, de que transcrevemos as seguintes passagens:

«Ao aceitar o cargo de Presidente da República fi-lo pela convicção de que nenhum português tem o direito de se negar às responsabilidades que lhe sejam exigidas no período difícil que todos fraternalmente teremos de ultrapassar.

«(...) Na descolonização, não houve qualquer desvio ao programa do Movimento das Forças Armadas. Visto que em todos os actos políticos não havemos de sujeitar-nos a esquemas rígidos preconcebidos, teremos sim de, em respeito pelos grandes princípios, orientar a evolução dos acontecimentos face à constante mutação da conjuntura política enquadrante.

«(...) Quanto ao curso da democratização do País, se nem sempre tem sido possível evitar desvios a quem aprende o caminho da Liberdade autêntica, creio que poderemos continuar a perguntar-nos se outra revolução no Mundo soube ser simultaneamente tão profunda e tão pouco marcada por sangue, por dores ou por atentados graves ao civismo.

«Há muito a melhorar e a corrigir; pois todos unidos nós o faremos.

«Nenhum português que ama o Povo a que pertence ignora hoje que o trabalho, a ordem e a unidade são os marcos essenciais que garantem as liberdades democráticas e o respeito pelos direitos fundamentais do Homem.

«(...) Resta-nos agora, perante a Nação, definir algumas linhas mestras do meu pensamento quanto ao nosso futuro imediato.

«No plano geral saberemos interpretar as leis constitucionais em vigor, onde são essenciais os pontos do programa do Movimento das Forças Armadas.(...)»

O novo Chefe do Estado terminou, dizendo:

«Deixo-vos a certeza de que as Forças Armadas, militares e militarizadas, se estão integrando rapidamente no espírito novo e vão-se tornando mais aptas a garantir ao Governo Provisório e ao Povo o clima de ordem e liberdade por que ansiamos, para nos dedicarmos ao trabalho com a certeza de que vamos construir um futuro melhor, mais justo, mais democrático.»

Voz da Abita

Do nosso assinante e ex-primeiro-sargento H João Leitão Rodrigues, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Canas de Santa Maria, 13-9-974.
«Tenho andado dia após dia para vos escrever, mas sempre que tento fazê-lo, parece-me que as ideias me faltam.
«Porquê? Não sei! Saí da Marinha voluntariamente, tal como fui para lá. Mais de uma dezena de anos! Centenas de amigos; mas porque saí? Ideias e desejo de contribuir para a sociedade com a experiência adquirida na Marinha.
«Fui 1.º-sargento enfermeiro. Agora sou enfermeiro-chefe na Caixa de Viseu, mas ainda hoje ao almoço juntamente com outros funcionários eu dizia: «Nós da Marinha...», etc., etc.! Eu ainda sou da Marinha!
«Saudades! O serviço de saúde da Força de Fuzileiros do Continente no qual estive e trabalhei com dedicação. Tenho orgulho nesse serviço de saúde, que apesar de modesto se tornou «independente», para melhor servir a «malta da briosa».
«Tenho que terminar porque já escrevi mais do que pensava ser capaz. Um abraço para todos que ainda se lembram do enfermeiro Leitão, em especial para os que me deram coragem para adquirir experiência na Marinha a fim de utilizá-la na vida civil, mas dizendo sempre: «Até sou enfermeiro da Marinha!...»

João Leitão Rodrigues
Ex-1.º-sarg. H

Do nosso assinante e ex-praça da Armada Orlando Vasco Pires Moreira, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Vila Praia de Âncora, 25 de Setembro de 1974.

«(...) Permita-me senhor Director que saúde em V. Ex.ª todos quantos trabalham para a «Revista da Armada», em tão boa hora lançada que permite a todos quantos tiveram a honra de servir a Armada reviver o ambiente que se respira a bordo ou em terra! Que saudades, senhor Director! Vivo todos os episódios que nela são narrados e por tal não fujo à tentação de aqui expor o seguinte:
«Fazíamos parte de uma guarnição do aviso «Afonso de Albuquerque» que se ufanava, desde o Comandante ao mais jovem grumete, de ter no seu «bojo» uma orquestra composta por marujos, os quais, modéstia à parte, tinham certo jeito para a música daquele tempo – claro! Estou a recordar o pianista, cabo Duarte, e o vocalista Campos, ao tempo 2.º sinaleiro, e hoje respeitáveis primeiros-tenentes do Serviço Geral, e outros, nos quais me incluo; sendo eu o clarinete – o «Benny Goodman» lá de bordo.
«Durante a 2.ª Grande Guerra fazia o nosso navio viagens para os portos da África Oriental e Ocidental com cadetes, que seriam promovidos a guarda-marinhas. Normalmente em cada porto havia recepções e bailes, quer a bordo quer em terra a que a nossa orquestra abrilhantava com algumas peneiras... dado que os seus elementos tinham bastante habilidade e boa presença física!
«(...) em Bissau, onde estivemos alguns dias, também foi oferecido um baile a bordo. Devido à fama da arquestra e dos «bonitões» dos guardas-marinhas, o navio encheu-se e a tolda foi tão pequena para tanta gente que nem houve lugar para colocar a orquestra que actuou junto da peça de 120 (n.º 3), situada mesmo por cima da tolda mas... com a agravante de o respectivo toldo se encontrar estendido, não permitindo aos músicos ver o que ali ia... isto é, como ia a dança!
«Contrariados com o local que nos destinaram e por represália, alterámos todo o programa da nossa actuação. Em terra havíamos tocado músicas de sonho e amor para os guardas-marinhas poderem dizer coisinhas aos ouvidos das meninas que tão engraçadas se encontravam nos seus vestidos leves e vaporosos, em contraste com as fardas impecáveis sim, mas incómodas para aquelas paragens, dos guarda-marinhas! Claro que o alcaixa é outra coisa!...
«A nossa reacção foi que de uma música dolente e sonhadora, passámos a executar corridinhos, viras, «swings», etc. Numa palavra: pusemos aquela gente toda a suar as estopinhas... Não tardou que uma «comissão» de guardas-marinhas viesse junto de nós pedir a tal música dolente, não sem que apresentassem uns vales para umas cervejas fresquinhas – trabalhávamos muito barato! Ainda não havia o ordenado mínimo! Dissemos que íamos resolver; mas estarmos a tocar sem ver o que se passava por baixo de nós... e continuámos com o mesmo. O caso chegou aos ouvidos do senhor Imediato, o então capitão-tenente Flávio de Sousa, que em cada marujo tinha um amigo, e de que ainda hoje me orgulho da sua amizade, que nos dispara a seguinte pergunta: «Porquê a mudança do programa da vossa actuação? Não vêem que com tanto calor fazem suar as meninas com tais músicas?»
«O signatário, que ao tempo e hoje, passados 23 anos de ter deixado a Marinha, era o popular «Vasco do clarinete», respondeu: «O senhor Imediato sabe perfeitamente que os músicos têm de ter a sua musa inspiradora e nós a tocarmos aqui neste local, com o toldo a tapar-nos a vista, não sai nada de jeito!...»
«A resposta foi pronta. «Se o problema é esse, tira-se o toldo.»
Este foi retirado e então a música foi

outra...

«(...) No dia seguinte, na habitual formatura da manhã para distribuição do pessoal para os serviços, o senhor Imediato manda sair o pessoal da orquestra. E quando julgávamos que pelos nossos serviços na noite anterior nos ia mandar de licença para terra, diz-nos: «Gostei muito da vossa actuação e os vossos camaradas disso se podem orgulhar. Como prémio, hoje, vão picar a amarra, que será a vossa musa inspiradora...»

«Gargalhada geral, claro!

«Este é, senhor Director, um episódio, entre tantos, de que fui protagonista e que se for contado na Revista não deixará de fazer sorrir os senhores comodoros e comandantes – guardas-marinhas de então – a quem respeitosamente saúdo desta terra de um grande Marinheiro – o saudoso almirante Ramos Pereira.»

O Senhor Octávio Carlos Ferreira, morador em Lunda, além de assinante, é um grande entusiasta pela nossa Revista. Como ele próprio diz, numa das cartas que nos escreveu, não teve a sorte de fazer o serviço militar na Armada, que foi sempre o seu sonho. Fê-lo no Exército, e como tal não pode colaborar normalmente na Revista da Armada.

Dada porém a amizade deste Senhor pela Revista e por tudo quanto diz respeito à Marinha, abrimos uma excepção. Eis uns versos da sua autoria:

ELEGIA DO DESESPERO

Unhas cravadas na palma da mão
Rosto caído sobre o peito ardente
Boca apertada procurando em vão
Calar verdades que minh'alma sente.

Tudo o que era já deixou de ser
Sonho desfeito que no ar se esfuma
O que será, não o quero eu saber,
Tudo me espera para além da bruma.

Velha cigana que me lês a sina
Quero-me encontrar ao dobrar a [esquina
Voltar a ter o eu, que abandonei.

Cansei-me a mim de mim (cruel [destino)!
Bordão e capa, como um peregrino,
Parti um dia. Nunca mais voltei...

Notícias Pessoais

CASAMENTOS

1.º-sarg. ARE Domingos Gomes da Silva com D. Joaquina Blanco Solas Gomes, em 31-7-74.

1.º-sarg. AES Delmiro Rócio Soares Martins com D. Maria Fernanda Rodrigues Pinheiro, em 24-8-74.

2.º-sarg. B José Paulo Rebelo com D. Marília da Silva Costa, em 26-8-74.

1547/66/C. L Manuel da Encarnação Figueira Fernandes com D. Maria José Baptista Rodrigues, em 10-8-84.

807/69/Mar. CM Vítor Manuel Reis da Silva com D. Teresa Maria de Oliveira Gonçalves, em 11-8-74.

550/71/Mar. T Adelino Faria com D. Maria de Fátima Pereira Barros, em 11-8-74.

1528/71/Mar. L António José Veloso da Silva com D. Maria Fernanda Alves Morais, em 17-8-74.

2593/72/1.º gr. T Eurico António Rodrigues Pinto com D. Etelvina de Carvalho Moreira, em 4-8-74.

2531/2.º gr. FZ RF Venâncio Joaquim Quaresma com D. Maria da Glória Ferreira da Fonseca, em 4-8-74.

1384/74/2.º gr. FZ Eduardo Manuel Santos Godinho com D. Maria Emília da Conceição, em 3-8-74.

PASSAGEM À RESERVA

C.-alm. José da Cruz Moura da Fonseca, em 3-9-74.

C.-alm. António Manuel Vasco da Gama Braga de Sá Teixeira, em 3-9-74.

Com. Artur Rodrigues Gonçalves, em 25-6-74.

Com. Abel de Oliveira Neves, em 3-9-74.

Com. António Horta Galvão de Almeida Brandão, em 3-9-74.

Com. Caetano das Neves Pestana, em 3-9-74.

Com. Joaquim José Gomes e Trindade, em 3-9-74.

Cap.-m.-g. Virgílio Guimarães Rodrigues, em 30-7-74.

Cap.-m.-g. EMQ Victor Manuel Barahona Couceiro, em 29-8-74.

1.º-sarg. E Domingos Cabaço Gardete, em 24-7-74.

1.º-sarg. M Augusto Vaqueiro, em 3-8-74.

1.º-sarg. CM José Pontes Godinho, em 19-8-74.

383/68/Mar. FZE João Corveira Frias de Carvalho, em 14-8-74 (RF).

APOSENTAÇÕES

Em 30-9-74:

Augusto da Silva, agente de 1.ª classe do Corpo de Polícia Marítima.

Desidério Medalha Ferreira, agente de 1.ª classe do Corpo de Polícia Marítima.

Joaquim Lucas, cabo-de-mar de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.

Francisco José Machado, cabo-de-mar de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.

José Cabral de Almeida, maquinista de 2.ª classe do Q. P. C. M. M.

Júlio Ferreira da Fonseca, operário de 1.ª classe do Q. P. C. M. M.

David da Silva Lima, contínuo de 1.ª classe do Q. P. C. M. D. N.

FALECIMENTOS

C.-alm. RA Manuel Carlos Sanches, em 19-9-74.

Com. RF António da Cunha Aragão, em 12-9-74.

1.º-ten. SG José Pedro de Mendonça, em 13-9-74.

2.º-ten. SG RA Mário Nicolau Sasso, em 29-9-74.

Subten. FZE RN Rui Carlos Pereira Fonseca Lopes, em 26-9-74.

Sarg.-aj. ACM RA José Monteiro Rabaça, em 22-9-74.
2.º-sarg. CM FR Francisco Carvalho, em 15-8-74.
1027/C. CM RA José Esteves, em 10-9-74.
2483/1.º desp. RF Carlos Manuel, em 15-8-74.
393/Pad. RF Albano de Melo Cardoso, em 20-9-74.
917/68/Mar. FZ António Augusto Preto, em 24-8-74.
2797/70/1.º gr. CM Luís Maria da Costa Martins Machado, em 31-8-74.

"MOVIMENTO"

Boletim Informativo do Movimento das Forças Armadas

Editado pela 5.ª Divisão do Estado-Maior General das Forças Armadas, sob a direcção da Comissão Coordenadora do Programa do Movimento das Forças Armadas, saiu em Setembro último o primeiro número do «Movimento» – boletim informativo do M. F. A. –, publicações de esclarecimento destinada a todos os militares dos três ramos das Forças Armadas.

Do editorial do n.º 1 do «Movimento», transcrevemos:

«Este boletim surge num momento particularmente importante da vida da Nação. Surge assim, aproximadamente, 4 meses após o 25 de Abril e um ano do Setembro de 73 – Évora, quando o povo português, liberto do regime fascista pela acção revolucionária do Movimento das Forças Armadas, está empenhado na luta pela construção de um Portugal Livre, Democrático e Progressivo.

«(...) Na defesa do cumprimento do Programa do M.F.A. e do Governo Provisório, não permitiremos que se confunda a necessária isenção partidária das Forças Armadas com a chamada «isenção política» na medida em que a esta expressão se pretenda dar o significado de apoliticismo, ou seja, da ausência de uma opção política, na hora presente, por parte das Forças Armadas da Nação. (...)

«Difundir no seio das Forças Armadas este correcto conceito de isenção política, é um dos objectivos fundamentais do presente boletim. É nossa firme convicção que esta acção de esclarecimento político poderá ser levada a cabo não só sem quebra da disciplina militar, mas, até, em seu reforço, na medida em que uma disciplina consciente é aquela que mais se adapta à situação histórica que vivemos.

«Numa altura em que o mundo observa, com interesse e admiração, a evolução desta opção patriótica das Forças Armadas Portuguesas, cumpre-nos não desiludir a expectativa do nosso povo e impulsionar o projecto exaltante da construção de uma nova Pátria.»

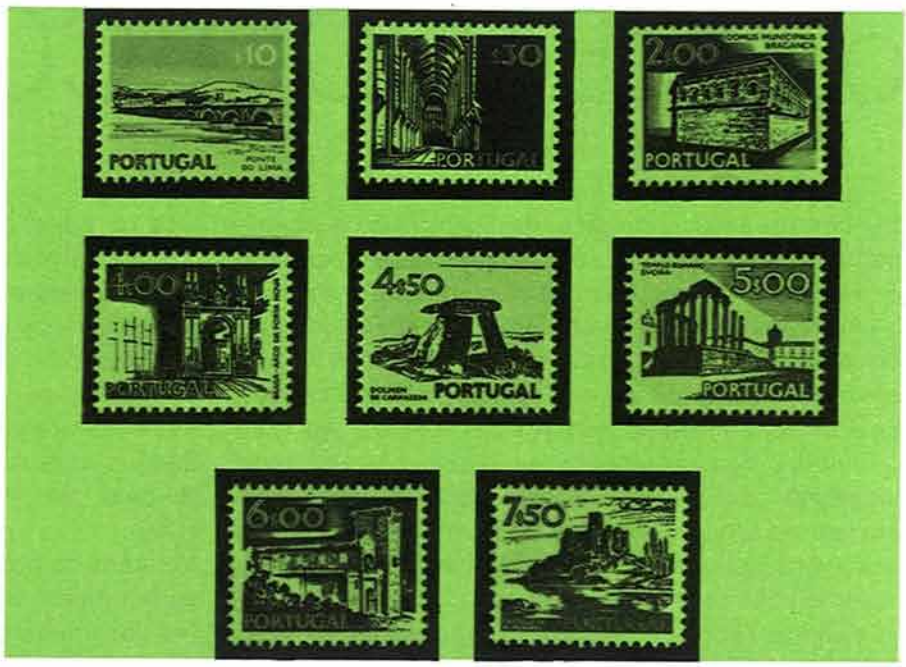
Filatelia

NOVOS SELOS PORTUGUESES

No dia 18 de Setembro último, foram postos a circular os últimos 8 selos, que reproduzimos, e que se destinam a substituir os da emissão ordinária conhecida por «Cavaleiro Medieval».

A totalidade da nova série ordinária compõe-se de 20 selos das taxas de $05 a 100$00, com desenhos dos Serviços Artísticos dos CTT que divulgam as belezas paisagísticas e a riqueza arquitectónica de Portugal.

A estes 8 selos foram apostos carimbos do 1.º dia de circulação em Lisboa, Porto, Coimbra e Funchal.



NOVOS SELOS PARA MACAU

Para comemorar a inauguração, em Outubro passado, da ponte de ligação de Macau-Taipa, foram postos a circular naquela colónia os dois selos reproduzidos, cujas tiragens foram de 7 milhões para os de 20 avos e de 3 milhões para os de 2 patacas e 20 avos.
Os selos que foram desenhados em Macau, são impressos a 6 cores.

Também na mesma colónia foi lançado um selo da taxa de 30 avos (tiragem de 5 milhões), que se destinou a comemorar o bicentenário do nascimento do pintor inglês George Chinnery, que, residindo em Macau, ali veio a falecer em 1852. Este selo foi impresso em «offset» a 6 cores.

M. Horta
Sarj.-aj. L

O Que é o "MÉTODO COOPER"?

Há alguns anos o médico da Força Aérea americana Kenneth Cooper, a quem estava incumbido o treino físico dos astronautas, publica um livro – «Aptidão Física em Qualquer Idade» – que se torna em pouco tempo um verdadeiro «best-seller». E não só, o programa físico preconizado por esse médico cria um enormíssimo número de adeptos em todo o mundo, nomeadamente em Copacabana, onde «legiões» de jovens, velhos, homens, mulheres, correm ao longo da avenida que margina a famosa praia brasileira, fenómeno que a imprensa do Rio apelidou de «coopermania»!

A enorme reputação do dr. Cooper e também as inúmeras experiências por ele efectuadas nos homens da Força Aérea americana justifica plenamente esta «corrida»... a Copacabana!

Mas em que se baseia o «Método Cooper»?

Para o dr. Cooper a «aptidão física» é a capacidade para executar um trabalho prolongado sem fatigar-se demais, dependendo esta capacidade da saúde geral (nomeadamente do coração, dos pulmões e de todo o sistema cardiovascular) e não tendo qualquer relação com a força muscular e com a agilidade.

Torna-se assim apologista das corridas e das caminhadas para aquisição de boa forma física, sendo esta interpretada de acordo com a tabela seguinte, traduzida na maior distância plana percorrida durante 12 minutos sem qualquer paragem:

Aptidão física	Distância percorrida (em metros) durante 12 minutos, de acordo com o respectivo grupo etário (anos)			
	– 30 anos	30/39 anos	40/49 anos	+ 50 anos
I – Muito fraca	< 1600	< 1500	< 1350	< 1300
II – Fraca	1600/2000	1500/1800	1350/1650	1300/1600
III – Razoável	2000/2400	1800/2200	1650/2100	1600/2000
IV – Boa	2400/2800	2200/2650	2100/2500	2000/2400
IV – Excelente	> 2800	> 2650	> 2500	> 2400

Ora os benefícios fisiológicos da corrida contínua são de há muito conhecidos. Tentemos explicá-los.

Os músculos para trabalharem necessitam de queimar o açúcar *(glicose)* que neles está depositado. Ora, como se sabe, as combustões só são possíveis em presença de oxigénio (O_2) e este chega aos músculos transportado pelos glóbulos vermelhos do sangue, que recolhem esse O_2 nos pulmões cedendo-lhes, em contrapartida, o anidrido carbónico (CO_2).

Vejamos como o aparelho circulatório desempenha essa função. O coração está dividido em duas partes incomunicáveis, circulando sangue carregado de O_2 *(sangue arterial)* na metade esquerda e sangue carregado de CO_2 *(sangue venoso)* na metade direita. Cada uma dessas metades possui duas cavidades, uma superior, por onde o sangue entra para o coração *(aurícula)*, e outra inferior por onde o sangue é expulso para todas as partes do corpo (fig. 1).

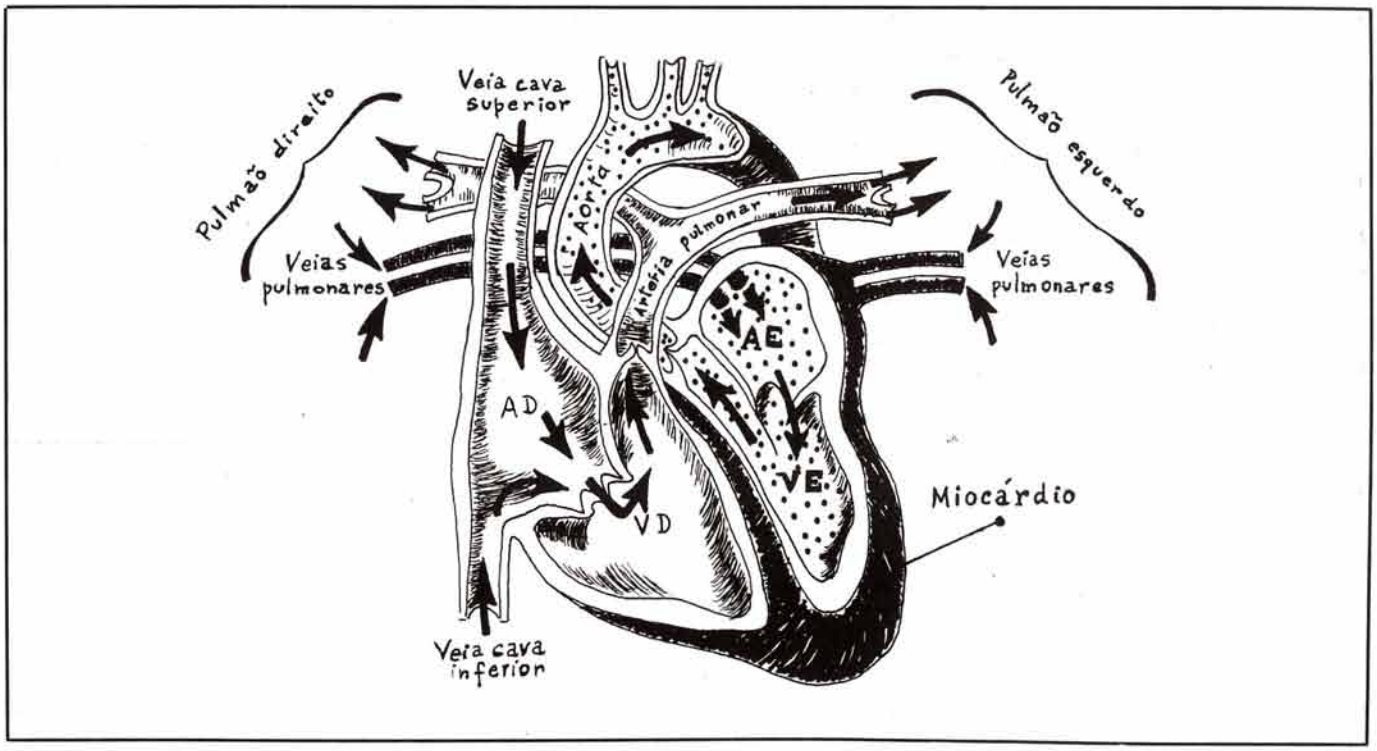
Assim, as paredes do coração são constituídas por fibras musculares pelo que o coração se contrai e distende como um músculo que é e que se designa por *miocárdio* (fig. 2).

Pois bem, quando este músculo se contrai *(sístole cardíaca)* o sangue é expulso dos ventrículos e segue o seguinte trajecto:

– Do ventrículo esquerdo sai o sangue arterial (carregado de O_2 como se viu) pela *artéria aorta* que através das suas ramificações o leva às diferentes partes do corpo a fim de aí deixar o O_2;

– Do ventrículo direito sai o sangue venoso (carregado de CO_2) que através das artérias pulmonares vai ser conduzido aos pulmões a fim de aí deixar o CO_2, recebendo em troca o O_2 (que entrou nos pulmões quando inspirámos).

Após a contracção do miocárdio segue-se a sua distensão *(diástole)* sendo o sangue «aspirado» das diferentes partes do corpo:



O coração com as cavidades, as artérias e as veias. As setas indicam o sentido da circulação sanguínea. Na metade esquerda do coração – a ponteada – existe sangue arterial carregado de O_2.

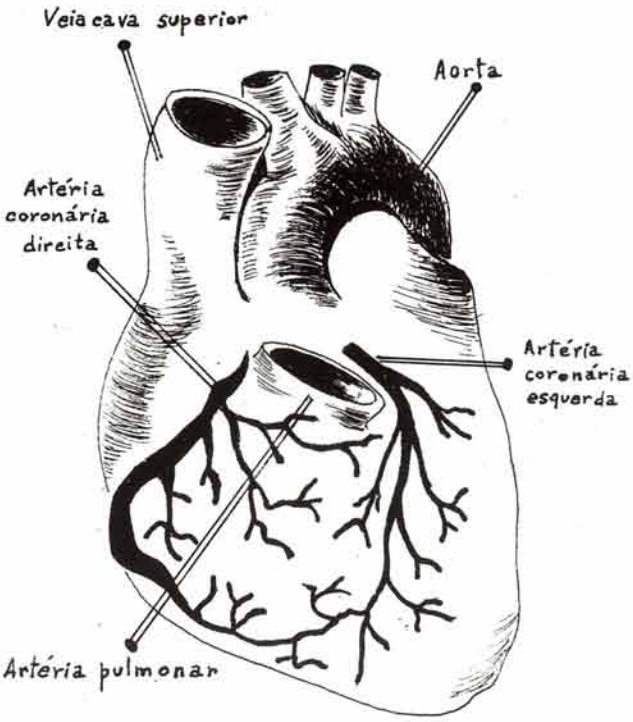
– Pela aurícula esquerda entra o sangue arterial que vem dos pulmões através das *veias pulmonares;* da aurícula esquerda o sangue baixa ao ventrículo esquerdo donde será expulso na sístole seguinte;
– Pela aurícula direita entra o sangue venoso que vem das diversas partes do corpo *(carregado de «resíduos» das combustões realizadas e em que o CO_2 é parte maior);* da aurícula direita baixa ao ventrículo direito donde será expulso na sístole seguinte.

É por este mecanismo aparentemente simples que o O_2 é levado a todos os músculos a fim de possibilitar o trabalho.

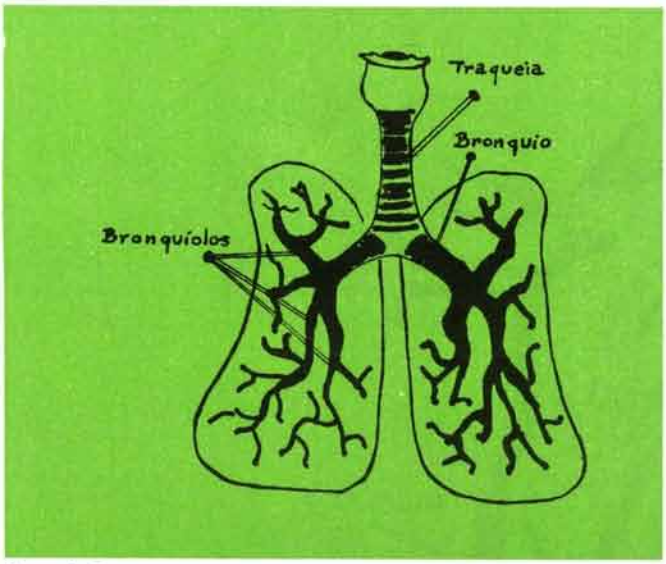
Ora bem; sempre que praticamos actividade física o trabalho muscular aumenta e portanto há maior necessidade de levar O_2 aos músculos. Por isso o coração aumenta a sua frequência sístole-diástole, que sendo de 60 a 80 pulsações por minuto em repouso passa a 120, 150 ou mesmo 200 pulsações por minuto (quando os exercícios são muito intensos).

Já dissemos que o coração é um músculo. Logo se ele for solicitado para uma actividade física frequente comportar-se-á como outro músculo qualquer: desenvolver-se-á e aumentará o seu poder de contracção. Daí o maior volume cardíaco dos desportistas que, ao contrário do que muita gente pensa, não tem nada de doentio. Portanto, o aumento da potência do coração vai provocar dois fenómenos:

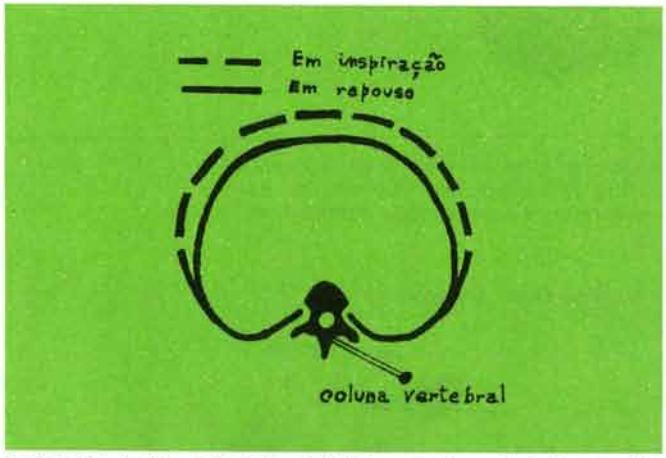
– Sendo mais forte o miocárdio, ele torna-se também mais elástico pelo que possibilita a entrada de maior quantidade de sangue no coração;
– Sendo o miocárdio mais forte, a quantidade de sangue que o coração expulsa em cada sístole (que se designa por *volume sistólico*) é também maior. Vamos fornecer números que nos farão acreditar neste aumento de volume sistólico: em cada con-



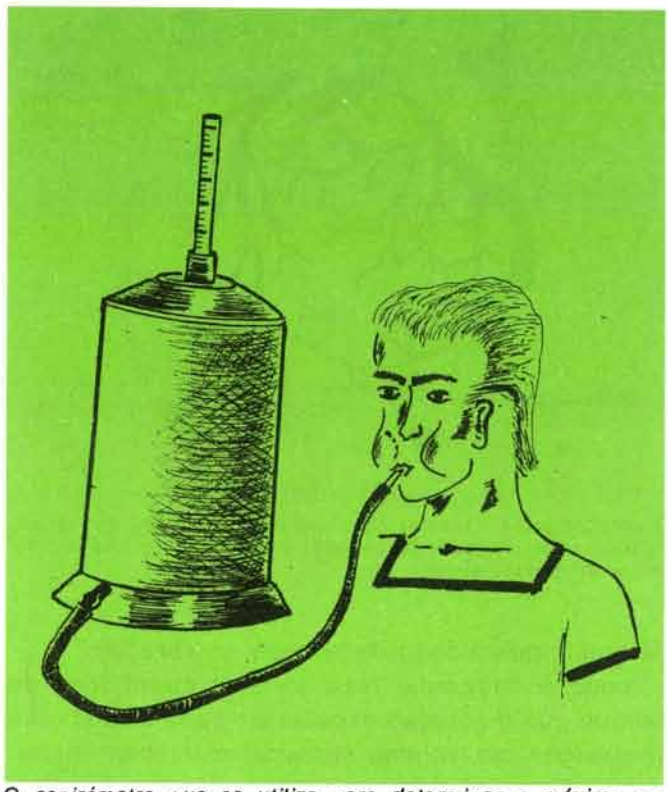
O coração para trabalhar continuamente necessita que o seu músculo seja irrigado de sangue: as artérias coronárias desempenham essa missão.



Os pulmões.



Projecção horizontal das costelas: quanto maior for a diferença entre o perímetro torácico em inspiração maior é a capacidade para inspirar maior quantidade de ar.



O espirómetro que se utiliza para determinar o máximo volume de ar que um indivíduo pode expirar (capacidade vital).

tracção cardíaca em repouso o volume de sangue expulso é de cerca de 0,7 litros. Considerando uma frequência cardíaca em repouso de 70 pulsações por minuto temos que a quantidade de sangue que o coração expulsa por minuto *(volume-minuto)* é de cerca de 5 litros (0,7 × 70 p/m = 4,9 litros-minuto). Mas, em experiências efectuadas com desportistas chegou-se à conclusão que em alguns atletas, durante esforços violentos, o seu coração chega a expulsar por minuto 35 litros de sangue! O volume-minuto em repouso aumenta pois 7 vezes (7 × 5 litros/minuto = 35 litros/minuto). Se este aumento de volume-minuto fosse devido apenas ao aumento das pulsações estas deveriam atingir... *490 pulsações por minuto* (7 × 7 pulsações) o que seria impossível pois que a este ritmo o coração não teria tempo de encher-se de sangue e à semelhança de uma bomba trabalharia «em vazio».

É pois um facto que, com a actividade física, o volume sistólico aumenta, tendo o coração muito maior rendimento pois que para fornecer a mesma quantidade de sangue ao músculo não necessita trabalhar a um ritmo tão elevado.

É por esta razão que a frequência cardíaca em repouso nos desportistas é muito menor (60-40 pulsações por minuto ou até menos em casos extraordinários).

No que se refere ao aparelho respiratório também se passa algo idêntico pois enquanto num indivíduo sedentário o ar não enche completamente os pulmões (fig. 3), num desportista, dada a maior necessidade de O_2, ele terá de ter maior capacidade para inspiração o que facilmente é comprovado pelas maiores diferenças de perímetro torácico em inspiração e expiração (fig. 4) e ainda pelo maior volume de ar que é capaz de expirar (medido pelo *expirómetro*) (fig. 5).

Esclareça-se que esta melhoria funcional do sistema cardio-pulmonar não é conseguido apenas pela «corrida continuada» mas também por qualquer sistema de treino em que se utilizem grande número de massas musculares durante um esforço prolongado: provas de longa distância em ciclismo, em remo, em natação.

É pois nestas bases fisiológicas que assenta o «Método Cooper»: através de um treino progressivo baseado na corrida e adaptado aos vários grupos etários a aptidão física é aumentada.

Dado o elevado número de tabelas de treino que este método apresenta não poderemos aqui transcrevê-las mas a todos os interessados aconselhamos a leitura do livro do dr. Cooper «*Capacidade Aeróbia*» (Forum Editora – Rio de Janeiro).

Mas não levantou o «Método Cooper» quaisquer polémicas? Como modo de melhorar os mecanismos cardíacos e pulmonares, não.

Simplesmente ele não é o único para conseguir esta melhoria e para além disso o seu autor, ao tentar

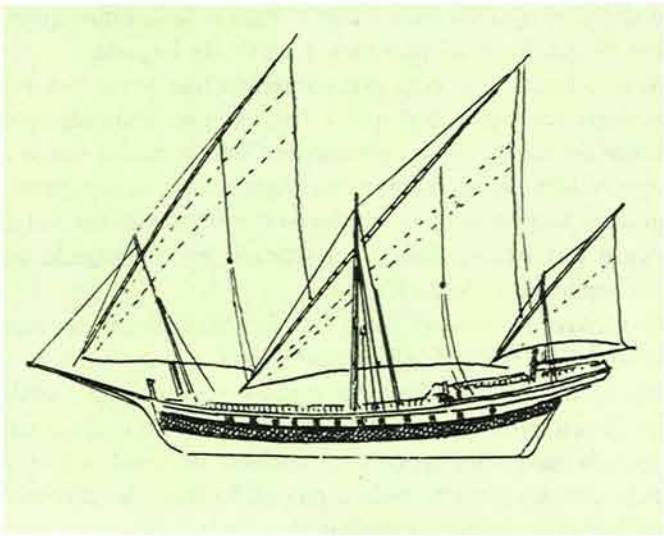
justificar o método, acaba por fazer afirmações com as quais muitas pessoas não concordam. Citemos, por exemplo: «...Muitos dos homens inaptos que testámos, eram fortes mas com má condição cardíaca. Desculpem se o que acabo de dizer desfaz quaisquer ilusões sobre cinturas finas e bicípedes musculosos. O halterofilista ou aqueles que dão mais ênfase aos exercícios com halteres visam apenas a preparação dos músculos e nunca conseguirão uma boa aptidão física.»

Apesar destas palavras terem sido proferidas por uma pessoa tão conceituada como o dr. Cooper e apesar de ser «voz corrente» que os pesos e halteres «fazem mal ao coração» há bases científicas que permitem contradizê-las.
Numa próxima oportunidade falaremos sobre isso...

Sanches Oliveira
1.º-tenente

Terminologia Naval

CHAVECO – Navio ou embarcação mourisca, usada principalmente para corso do Mediterrâneo que adquiriu grande fama pelas acções de pirataria desencadeadas contra o comércio marítimo mundial. Portugal usou o mesmo tipo para lhe dar combate. É utilizada também esta designação para significar um navio velho ou de má construção.



CHAVE DO PORTALÓ – Chave imaginária de que, por troça, se pede aos novatos a bordo, para providenciarem a seu respeito.

CHEFE DO ALVIELA – Em gíria naval e segundo uns, termo aplicado ao moço do paiol, por ser o guarda e distribuidor da ração de vinho; de acordo com a opinião de outros, tratar-se-á do encarregado da aguada, já que, ao moço do paiol seria dada a designação de «chefe da música de parra».

CHEGA LÁ SE PODES – Calão naval aplicado ao toque de formar.

CHEIRAR A TERRA – Aperceber-se, quando no mar, da proximidade de terra, pelo cheiro especial dela emanado.

CHICOTE – Extremo de um cabo.

CHOURIÇO – Nome que, em gíria naval, os marinheiros dão à maca, quando ferrada.

CHUÇO – Arma de mão provida de um ferro agudo na ponta que servia nas abordagens, permitindo o ataque pelas portinholas do costado. Na fragata «D. Fernando II e Glória» ainda existem, antes do incêndio que a destruiu, armas desta natureza.

CHUMBADA – Tronco de cone ou de pirâmide, de chumbo, com uma cavidade na base destinada a levar sebo a fim de recolher amostras do fundo e que, constituindo uma das partes do prumo de mão, tem, para além daquele objectivo, o de dar a conhecer a altura da água.

CHUSMA – Antiga designação de guarnição de navio ou embarcação.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

EPISÓDIOS...

Corria o primeiro mês do ano de 1935 quando tomos, pela primeira vez, em comissão de serviço para as colónias. A par da tristeza que qempre nos invade quando deixamos de estar em contacto com a família durante largo tempo, temos sempre aquela secreta alegria de descobrir terras novas, outras gentes, outros costumes, que são um aliciante para quem, como nós, sempre gostou de alargar os seus conhecimentos ao vivo, pois os que se adquirem no remanso da residência, em leituras mais ou menos excitantes, não chegam para matar a sede do conhecimento humano.

Claro que muito se aprende e tornamo-nos, assim, aptos a manter conversações sobre este ou aquele assunto: os conhecimentos tomam, no entanto, outro sabor, dando-nos a liberdade de discuti-los com saber de experiência feito, quando são vividos ou perscrutados por nós.

E foi assim, preparados para uma ausência de dois anos que para nós era o caminho do desconhecido, que aproámos à Madeira, termo da nossa primeira etapa.

Não vou aqui dizer qual o navio nem o nome das personagens do episódio que vou contar. Nada adiantaria. Há, felizmente, ainda muita gente viva e sã que nos acompanhou naquela viagem. Poucos já pertencerão ao activo, mas todos se lembram, de certeza, pois casos como este não acontecem a todo o momento.

Já na ilha da Madeira se tinha notado que o cabo do rancho não estava no estado duma pessoa normal. Tanto assim que indo a terra comprar frescos para o rancho, foi necessário ir buscá-lo, pois aproximava-se a hora da largada e ele não aparecia. O médico de bordo, ao tempo segundo-tenente, achou que não corria perigo a sua continuação na viagem, talvez por supor ser aquele desiquilíbrio motivado pela nostalgia da família que, como todos sabemos, se vai atenuando conforme o tempo de comissão se vai prolongando.

Aqui cabe o fenómeno da inversão. Por graça, uns para os outros, começamos a contar o tempo na ordem inversa e todos os dias dizemos faltarem menos tantos dias quantos os que já estão passados a partir da largada.

Mas, infelizmente, com este camarada não se dava o que poderia ser lógico e o que é facto é que, após algumas horas de navegação a caminho de Cabo Verde, o seu mal agravou-se; começou a pensar que estava a ser perseguido e fechou-se na arrecadação dos mantimentos, vulgo «casa das iscas», donde foi retirado na madrugada do dia seguinte, já sem vida.

O mestre carpinteiro fez o esquife para lançar ao mar o corpo do nosso desditoso camarada.

Por altura das ilhas Canárias o navio parou. Uma guarda de honra prestou as homenagens devidas ao nosso camarada que, coberto com a bandeira nacional, deslizou pelo portaló perante toda a guarnição que não escondia as lágrimas, após as palavras ditas pelo comandante em homenagem àquele que sempre servira a Armada com dedicação.

Para nós era de dupla tristeza aquele acto: mal pudemos tocar a marcha de continência, embargados como estávamos pela comoção.

É que na cabina da T.S.F. estava fechado, para não assistir ao acto, o nosso camarada clarim que era irmão do que estávamos a entregar ao Oceano Atlântico.

Seasa
Cabo aux. RAa

COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DA REVOLTA DOS NAVIOS EM 1936

Organizada pela Comissão Dinamizadora do Associativismo das Praças, efectuou-se no auditório da Escola Naval, no dia 9 de Setembro último, uma sessão de homenagem aos marinheiros que activaram e tomaram parte na revolta dos avisos «Bartolomeu Dias» e «Afonso de Albuquerque» e do contratorpedeiro «Dão», em 8 de Setembro de 1936, na tentativa de derrubar o Governo salazarista.

A mesa dos trabalhos da sessão foi composta por um aspirante, um sargento e três praças e por doze ex-marinheiros participantes na revolta. Na assistência muitos oficiais, sargentos e praças – não tantos como seria de desejar – e um ou outro elemento do Exército e da Força Aérea.

Saudados os marinheiros revoltosos por duas das praças que orientaram a sessão, foi então contado, por alguns daqueles ex-marinheiros, o que foi a revolta e a sua organização, principais peripécias e as consequências advindas do facto, dissertação que prendeu atentamente os presentes. Seguidamente os homenageados puseram-se à disposição da assistência para responderem às perguntas que julgassem pertinentes. Travou-se, então, vivo e interessante diálogo, que haveria de durar cerca de duas horas.

No final da sessão, por proposta da assistência, foi guardado um minuto de silêncio em homenagem aos marinheiros mortos vítimas do fascismo e foi aprovado o envio de um telegrama à Comissão de Solidariedade com o Povo Chileno de apoio ao povo daquele país, tendo também sido feitos apelos à unidade das Forças Armadas e entre estas e o Povo.

Fizeram alusão à passagem do aniversário da revolta dos navios em 1936 a Imprensa, TV, a Emissora Nacional e o Rádio Clube Português.

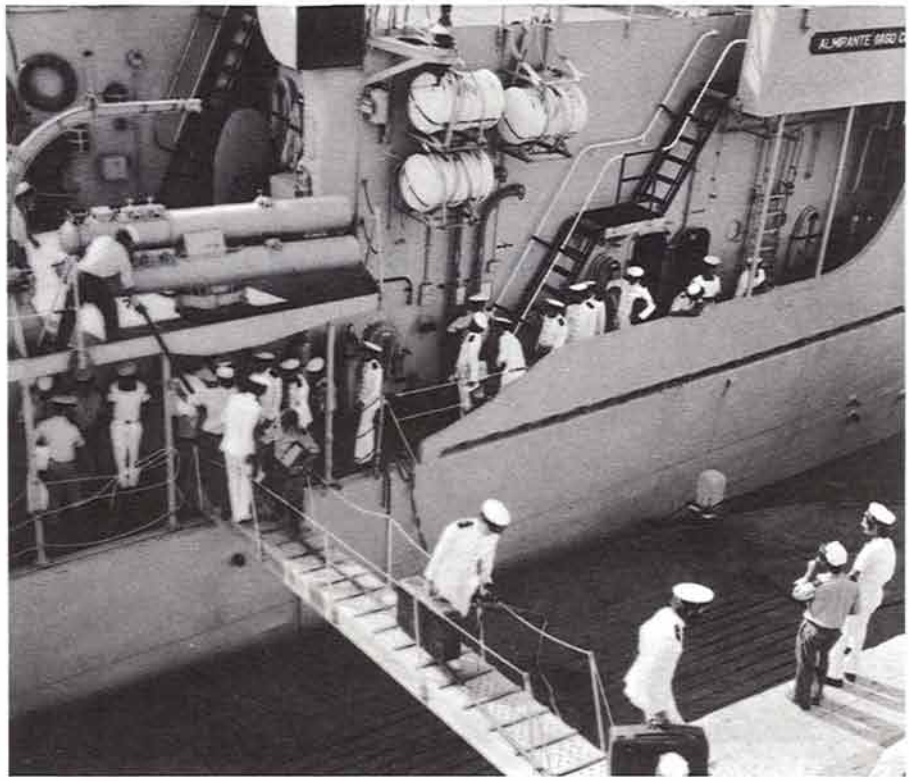
O CONTRA-ALMIRANTE VÍTOR CRESPO FOI NOMEADO ALTO-COMISSÁRIO EM MOÇAMBIQUE

Na sequência do acordo de Lusaca, em que Portugal reconhece a independência de Moçambique em 25 de Junho de 1975, o Presidente da República conferiu posse das funções de alto-comissário em Moçambique ao contra-almirante Vítor Crespo, membro do Conselho do Estado e do Movimento das Forças Armadas.

Ao acto, que teve lugar no Palácio de Belém no passado dia 10 de Setembro, assistiram o Primeiro-Ministro, os chefes do Estado-Maior General das Forças Armadas e do Estado-Maior da Armada, membros do Conselho e do Movimento das Forças Armadas, diversos ministros e secretários de Estado.

O contra-almirante Vítor Crespo seguiu no mesmo dia, por via aérea, para Lourenço Marques, tendo estado no Aroporto a apresentar-lhe cumprimentos de despedida o Primeiro-Ministro, os chefes do Estado-Maior General das Forças Armadas e do Estado-Maior da Armada, vários ministros e outras altas individualidades.

OS ASPIRANTES DO CURSO «ALMIRANTE CAMPOS RODRIGUES» REGRESSARAM DA SUA VIAGEM DE INSTRUÇÃO



Os aspirantes do curso «Almirante Campos Rodrigues», que fizeram uma viagem de instrução a bordo da fragata «Almirante Gago Coutinho», em que visitaram vários portos dos Açores, Toulon e Nápoles, regressaram a Lisboa no dia 20 de Setembro, tendo sido aguardados na Base Naval, no Alfeite, por numerosos familiares.

JURAMENTODEBANDEIRA DA 3.ª INCORPORAÇÃO DE 1974

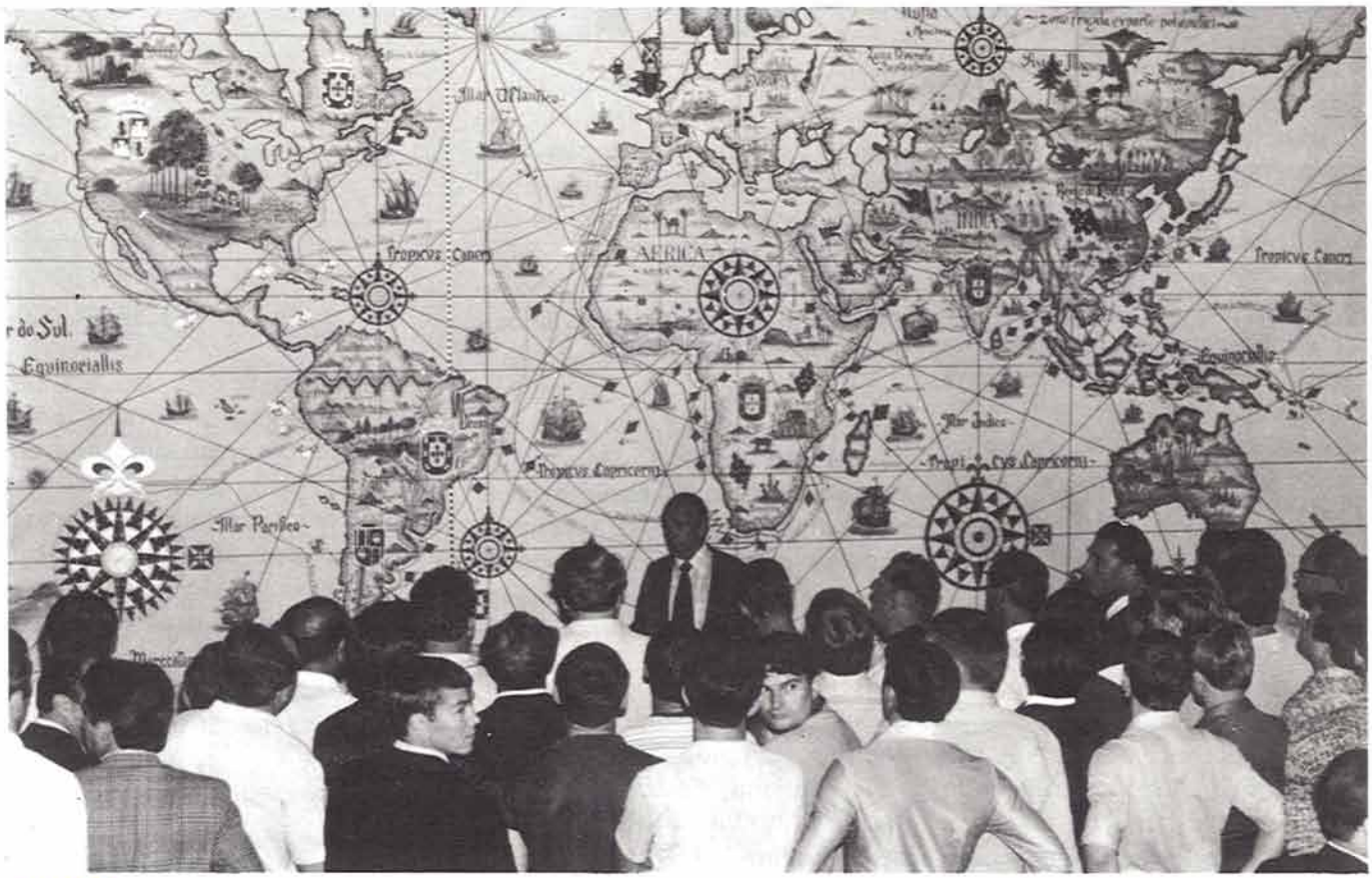
No dia 20 de Setembro, no Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, efectuou-se a cerimónia do juramento de bandeira de 900 recrutas, voluntários e alunos da Reserva Marítima e dos subsargentos do Curso de Formação de Sargentos de Complemento.

O acto foi presidido pelo contra-almirante Tengarrinha Pires, superintendente dos Serviços do Pessoal que foi recebido pelo capitão-de-mar-e-guerra Ramos Rocha, comandante daquele Grupo de Escolas, e teve a presença de muitos familiares dos militares que juraram bandeira.

(Foto do 1.º-sarg. R David Moreira)

A FRAGATA «PERO ESCOBAR» REGRESSOU A LISBOA DE UMA VIAGEM DE INSTRUÇÃO

No dia 26 de Setembro, a fragata «Pero Escobar» atracou na Base Naval, no Alfeite, de regresso de uma viagem de cadetes da Reserva Naval, que teve a duração de cerca de 30 dias. Foram visitados o Porto Grande de S. Vicente, em Cabo Verde, e diversos portos das ilhas dos Açores e da Madeira.



VISITA DE MARINHEIROS RUSSOS AO MUSEU DE MARINHA

Os marinheiros russos do conjunto de Sebastopol «Coros e Danças da Marinha Soviética» que deram espectáculos no S. Carlos e Coliseu, manifestaram desejo de visitar o Museu de Marinha. Foram recebidos pelo subdirector do Museu, capitão-de-mar-e-guerra Carvalho Andrade, que, por intermédio de um intérprete, lhes explicou sucintamente a história da nossa época dos Descobrimentos, seguindo-se uma visita ao Museu.

No final trocaram-se saudações onde se expressaram mutuamente desejos da continuação de contactos entre os povos das duas nações.

Quarto de Folga

DIREITOS IGUAIS

Para se apanhar a graça desta história, que os belgas, com quem me dei largamente nos E. U. A., quando ali fui buscar draga-minas, me garantiram ser verídica, parece-me necessário lembrar que a Marinha Belga é bastante recente (escrevemos em 1950) e sobretudo recordar o pormenor, que até talvez alguns não saibam, de ter adoptado uma bandeira para a Marinha de Guerra que difere bastante da Mercante, embora tenha como fundamento a mesma combinação das cores nacionais. Influência inglesa e estilo monárquico.

Disto resultará, dentro dos limites humanos de aceitação de certas ignorâncias, a possível justificação que tiveram os americanos de procederem como vamos relatar, mas a que os belgas não acharam graça nenhuma, possivelmente pelo complexo de nação pequena e marinha recente, perante uma nação enorme e uma marinha mais antiga.

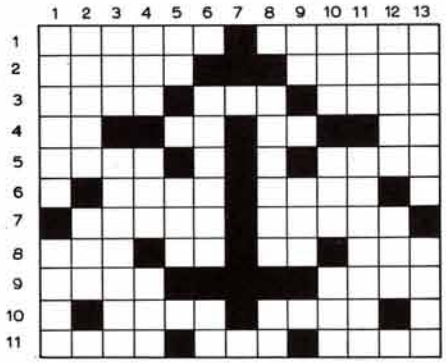
Foi o caso que, entrando um draga-minas belga o enorme porto de Norfolk, a maior base naval do mundo, quando ia a passar em frente de couraçados, cruzadores e porta-aviões, trocando as saudações da praxe, de um destes monstros, a despeito do pequeno navio belga desfraldar, bem visível, o seu pavilhão nacional de três panos, por sinais luminosos, fizeram a seguinte pergunta de duvidoso sentido de cortesia ou humor pouco a propósito: «Qual é a vossa nacionalidade.»

Do draga-minas belga responderam por sua vez perguntando também: «E a vossa?»

Sim, porque é que os belgas haviam de conhecer o pavilhão americano, se os americanos não conheciam o pavilhão belga?

Capt. Zuzara

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS:– 1 – Metal muito abundante na natureza (pl.); de Roma. 2 – Querido; maçam. 3 – Joaquim (fam.); confia; pron. indef. 4 – Povoação do conselho de Oliveira de Azemeis; a mim; cobre (s. Q.); culpada (inv.). 5 – Procedimento que conduz ao conhecimento do supraconceptual; vila e praia do Minho. 6 – Ave de rapina; associa. 7 – Elemento químico descorante; acaba. 8 – Rala; o melhor; elas; possuí. 9 – Espírito (inv.); pron. interrogativo. 10 – Terreiro onde se junta o sal; navega. (inv.). 11 – Peixe da família dos teleósteos; acompanhado; aborreci (inv.).

VERTICAIS: 1 – Monge dos pagodes de Brama; aniquila. 2 – Rival; prep. simples. 3 – Rádio Televisão Italiana; físico italiano do século XVI/XVII. 4 – Regulamento de Disciplina Militar; ferro temperado; dá mios (inv.). 5 – Sono (inf.); reza. 6 – Âncoras; antes de Cristo. 8 – Dá vivas; antes do meio dia. 9 – Sufixo de profissão; astro-rei (inv.). 10 – Nome muito usado por escoceses e irlandeses; corrente natural (inv.); pronome relativo (francês). 11 – Lado; abundância. 12 – Andei à deriva (pop.); três vogais iguais. 13 – Ata; dois mil e dois romanos.

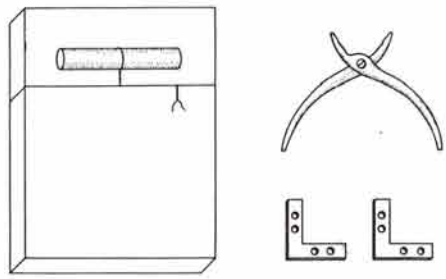
Depois de resolvido o problema encontrará um ditado popular.

Agostinho
Mar. L n.º 2802/70

(Solução na pág. 34)

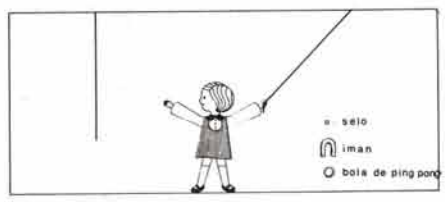
PROBLEMAS PARA ENTRETER

Da publicação anteriormente citada apresentamos hoje mais dois problemas.



2 – Dispomos de uma pequena tábua à qual está amarrado, com um arame, um pequeno rolete de madeira. Temos ainda um alicate e dois cantos de latão com furos para parafusos, tudo como mostra a figura 2. Pretende-se, sem mais nada, construir um suporte em que a tábua fique horizontal, afastada do chão algumas polegadas e capaz de sustentar um vaso com flores.

Como o consegue?



3 – Estamos numa sala vazia e há dois fios que pendem do tecto,

como mostra a figura 3. Uma pessoa não pode pegar numa das extremidades e chegar à outra. Pretende-se atar as duas extremidades livres. Na sala só há uma bola de ping-pong, um íman e um selo.
Como proceder para atar as duas pontas dos fios?

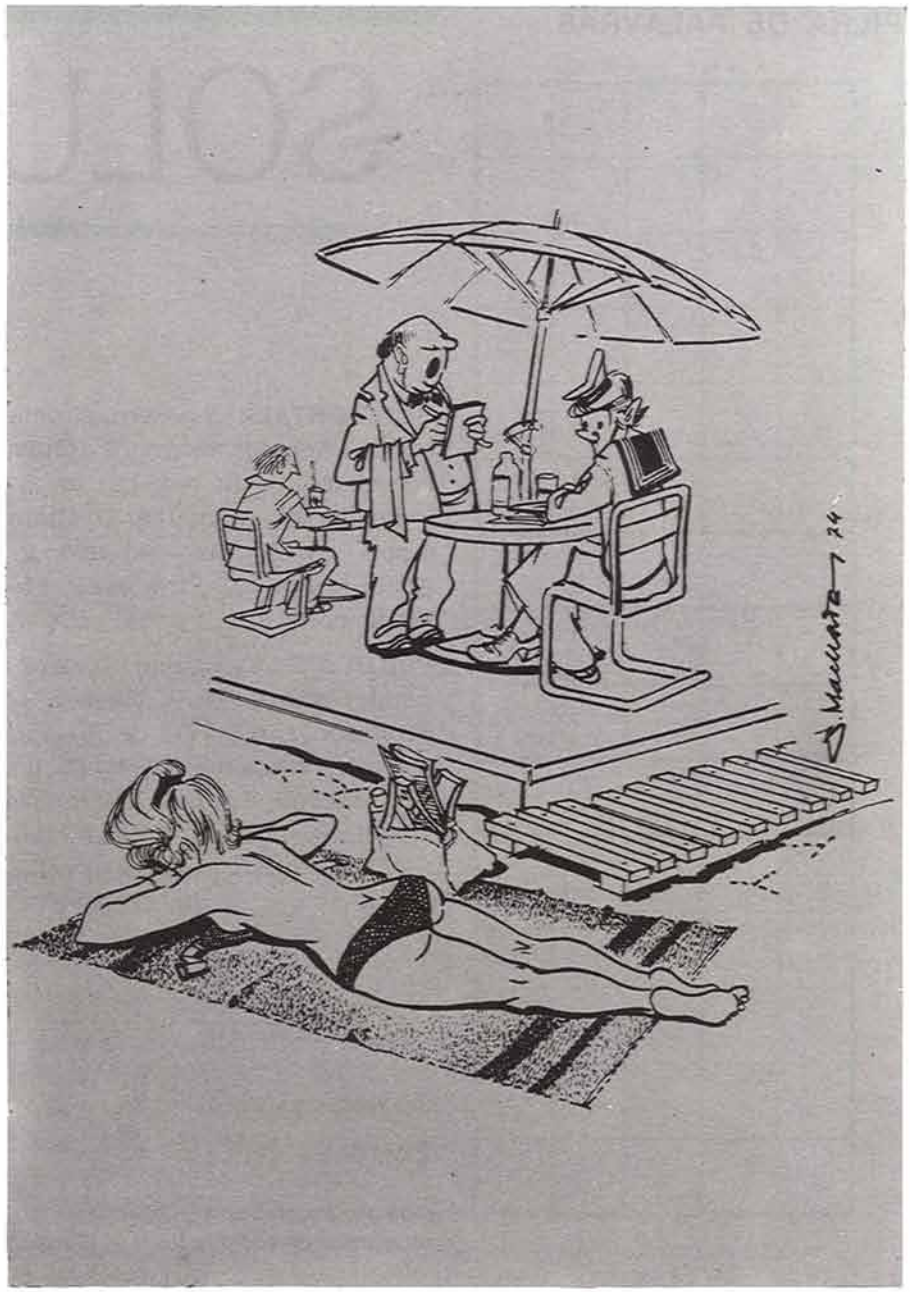
(Solução no próximo número)

O. Lemos
Cap.-frag.

CONCURSO N.º 38

Responda às seguintes perguntas sobre talhas (aparelhos de força usados a bordo):
Rondar a talha será montar uma ronda para a não roubarem?
Alar a talha a beijo será puxar por ela e beijá-la?
Tocar a talha será usá-la como instrumento musical?
Sobrar a talha é não precisar de a usar?
Morder a talha será dar-lhe dentadas?
Alar a talha de mão em mão será passá-la de uns para os outros?
Alar a talha à lupa será vê-la por uma lente?
Alar a talha de leva arriba será puxá-la por uma serra acima?
Pôr a talha clara será pintá-la de branco?

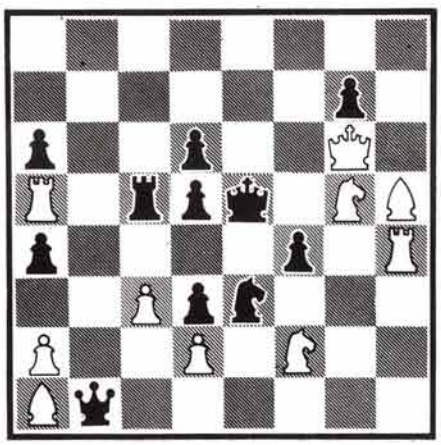
A. Parreirão
Subchefe de Polícia Marítima



– Bem passado, ou mal passado?...

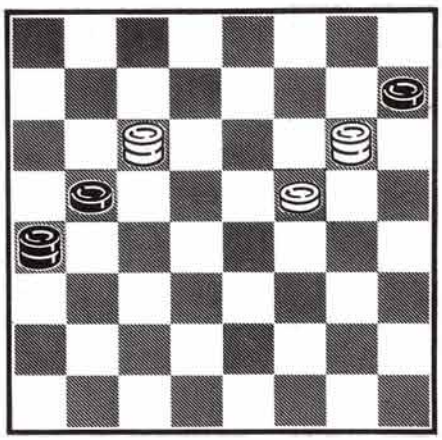
XADREZ

(Solução na pág. 34)



Jogam as brancas e dão mate em quatro lances.

DAMAS



Jogam as brancas e ganham.

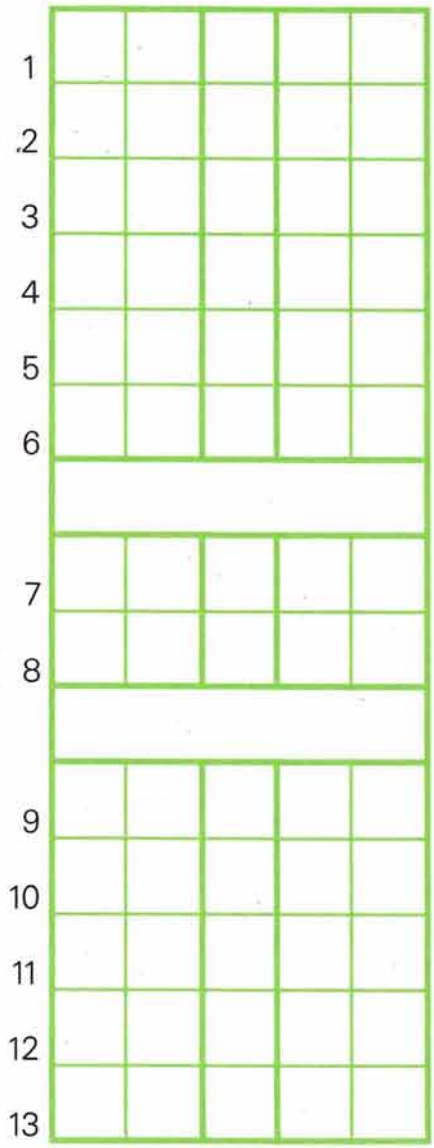
(Solução na pág. 34)

MÁXIMAS CHINESAS

Tenho três tesouros que guardo e acarinho: o primeiro é o amor, o segundo o contentamento e o terceiro a humildade.
Só os que amam são corajosos, so os contentes são magnânimos, só os humildes são capazes de comandar.

Lao-Tsé

PILHA DE PALAVRAS



1 – Queda. 2 – Feiticeiro. 3 – Cidade portuguesa. 4 – Instrumento de medida da velocidade do navio. 5 – Derrotas. 6 – Pães de milho. 7 – Machos da cabra. 8 – Pântano. 9 – Pulmão. 10 – Corpo líquido e venenoso que se extrai da água do mar. 11 – Geira. 12 – Uvas. 13 – Queixa.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de uma das secções da nossa Revista. Este passatempo apresenta a particularidade das palavras se iniciarem pela letra «B».

SEASA
Cabo aux. RA

SOLUÇÕES

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Ferros; romana. 2 – Amado; ralam. 3 – Quim; fia; cada. 4 – UI; me; cu; er. 5 – loga; Ofir. 6 – Açor; alia. 7 – Cloro; morre. 8 – Moi; ás; as; tem. 9 – Amla; quem. 10 – Eira; amur. 11 – Atum; com; iari.

VERTICAIS: 1 – Faquir; mata. 2 – Émulo; com. 3 – RAI; Galileu. 4 – RDM; aço; aim. 5 – Óó; ora. 6 – Ferros; aC. 8 – Acalma; am. 9 – Or; los. 10 – Mac; oir; qui. 11 – Ala; fartura. 12 – Nadei; eee. 13 – Amarra; MMII.

(Quem com ferros mata, com ferros morre.)

PROBLEMAS PARA ENTRETER

(Solução do problema publicado no número anterior)

1 – Os 22 conjuntos de três números nas condições do problema são:

12 : 2 = 15	15 : 3 = 14	16 : 4 = 13
14 : 2 = 25	18 : 3 = 24	24 : 4 = 15
16 : 2 = 35	24 : 3 = 17	28 : 4 = 25
18 : 2 = 45	27 : 3 = 27	36 : 4 = 18
15 : 5 = 12	18 : 6 = 12	28 : 7 = 13
25 : 5 = 14	36 : 6 = 15	49 : 7 = 16
35 : 5 = 16	48 : 6 = 17	
45 : 5 = 18		48 : 8 = 15

Vencedor do prémio oferecido: Asp. RN Guilherme Pescarias Costa, do E. M. A. – III Divisão.

XADREZ

Brancas	Pretas
1. Bf3	Tc8
2. Txd5 ch/	Cxd5
3. Cg4 ch/d	

ou ainda:

1. Bf3	.....
2. Th8	.....
3. Te8 ch/d	Txa5

Experimente as duas soluções e deduza o xeque-mate.

DAMAS

Brancas	Pretas
1. 21 - 17	20 - 15 (*)
2. 18 - 21	16 - 27
3. 17 - 6	25 - 18
4. 6 - 20 - 30	18 - 14
5. 30 - 20	14 - 10
6. 20 - 2, etc.	e ganham.

(*) Há pelo menos duas variantes nas jogadas seguintes ganhando as brancas; descubra quais são.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Baque. 2 – Bruxo. 3 – Braga. 4 – Barca. 5 – Bates. 6 – Broas. 7 – Bodes. 8 – Brejo. 9 – Bofes. 10 – Bromo. 11 – Belga. 12 – Bagos. 13 – Brado.

CONCURSO .º 36

Vencedor do Concurso N.º 36: Elisabete C. M. Aperta, Esc.-dact. de 1.ª classe do Q. P. C. M. M. (Legenda da foto: Por favor uma terra para o meu filho!...).

ANTIGUIDADES

(Foto do asp. L. Chagas)

Costumes Regionais

ALENTEJO
Aguadeiro
em Baleizão

(Foto do Cap.-ten. AN Caeiro Junça)

MADEIRA
Obra de vimes
em Camacha

(Foto Perestrello)

AÇORES
Carro regional
em S. Miguel

(Foto de autor desconhecido)